

José de Mesquita

Poesias

DO AMOR
DA NATUREZA
DO SONHO
DA ARTE

Cuyabá
Typ. João Pereira Leite
MCMXIX

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

ÍNDICE

DO AMOR

Primeiros Tempos

	Pag
Prelúdio	11
Minha Musa	14
Sugestões	15
Teu olhar	20
Nocturno	21
Em teu leque	24
Phrases lyricas	25
Andorinhas	27
Foyer	29
Ideal	31

Horas felizes

I	34
II	35
III	36
IV	37
V	38
VI	39
VII	40
VII	41
IX	42
X	43

Epithalamio

Noivado	45
Única	47
Idillio	49
Cantigas singelas	51
Aos meus filhinhos	55
Quadras	57
Intimidade	58
Manhan de núpcias	60
Nosso romance	63
Poesia viva	68

DA NATUREZA

Paisagens cariocas

I Guanabara	72
II Beira Mar	73
III Lorangeiras	74
IV Tijuca	75
V Copacabana	76
VI Gávea	77
Montevidéu	78
Tietê	79
Medieval	80
Cruzeiro antigo	81
O passeio da Rainha	82
Íris	83

Trilogia das horas

A hora rosa	84
A hora púrpura	85
A hora violeta	86
A escalada	87

POESIAS

Marinha	88
Legenda	89
A Morte da luz	90
Musa consolatrix	91

DO SONHO

Nel mezzo del camin	93
Mundo Interior	94
Extranho culto	95
Maio	96
A linguagem dos lenços	97
Saudade	98
A um relógio antigo	99
Mystica	100
Ignota Déa	101
A minha Mãe	102
Preito	103
Castellan	104
Querida	
I	105
II	106
Perfil	107
Fatalidade	108
A volta da Palestina	109
Confidenciaes	
I	110
II	111
III	112

DA ARTE

Lavôres

Ode á Arte	115
Musica	119

JOSÉ DE MESQUITA

Plenilúnio	124
Cousas antigas	128
Fim de anno	130
Outono	133
Louvor do Ouro	137
Sesta	140
Epopéa	144
Tempestade	146
Hellade	148
N. S. do Bom Despacho	151
Enquanto chove	155
A volta	157
Sonho de Pierrot	161

Illuminuras

O anel	164
Estações	166
Alchimista	167
A visita do sol	168
Miragem	169
Ritornello	171
Sonho e realidade	174
Numa louza	175
Insomnia	176
Vespertina	179
Palmeira real	181
Descendo o rio	182
Solidão	184
FINIS	186

São reservados os direitos de tradução e reprodução, levando todos os exemplares a rubrica do auctor.

A Matto-Grosso,

minha querida terra natal, na data festiva do seu Bicentenário, dedico as primícias de um espírito que se formou na visão do seu passado tradicional e no sonho do seu futuro luminoso.

Cuyabá, MCMXIX

O Auctor

DO AMOR

PRIMEIROS TEMPOS HORAS FELIZES EPITHALAMIO

Mas quando o Amor se torna em paixão verdadeira, pura como uma hóstia erguida sobre o altar, quando um amor domina uma existência inteira como a Lua domina os vagalhões do mar, então adoro o Amor...

(Guerra Junqueira)

PRIMEIROS TEMPOS

Prelúdio

Eu imagino uma mulher
que eu hei de amar e me ha de amar,
e que eu, esteja onde estiver,
a todo tempo, hei de encontrar.

Á força já de imaginal-a
sinto-a real diante de mim:
vejo-lhe o riso, ouço-lhe a falla....
Já se viu caso extranho assim?

Constantemente eu imagino
a hora ditosa della vir
e, entanto, o meu cruel destino
não m'a fez inda descobrir.

Em quantas outras julguei della
ver as feições e me enganei!
Nenhuma era tão meiga e bella
Como essa que eu imaginei!

Ás vezes cuido vel-a andando
nas ruas, entre a multidão,
e vivo sempre me enganando
nessa dulcíssima illusão.

Já a vi nos templos e nas praças,
nas rezas e nos carnavaes,
e, a rir, por dentro das vidraças,
como nas telas medievaes.

E nunca a vi.... E sempre a vejo....
E ando a buscal-a sem siquer
saber quem busco em meu desejo,
sem conhecer essa mulher....

Quando a encontrar como hei de amal-a!
Que immenso, allucinado amor!
Mas quando, como hei de encontral-a?
Ha tanto sonho enganador....

Não obstante eu imagino
que hei de encontral-a, onde estiver,
a esphinge atroz do meu destino,
essa fantástica mulher....

É uma mulher que tem da onda
a mysteriosa alma no olhar
e um riso, como o da Gioconda,
de uma belleza singular.

POESIAS

É uma mulher? É uma menina?
Precisamente eu não o sei.
Minha alma apenas a imagina
mas não sei mesmo si a verei....

Mas hei de vel-a, onde estiver....
Ha de o destino m'a indicar,
porquê ella é a única mulher
que eu hei de amar e me ha de amar.

JOSÉ DE MESQUITA

Minha Musa

Todos os versos meus são teus, querida,
mesmo os que fiz sem bem te conhecer,
porquê tu foste em toda a minha vida
a que sempre esperei antes de ver.

Tu realizas o ideal do meu passado,
a alegria feliz do meu presente,
o sonho do futuro desejado,
e eu só vivo por ti, unicamente.

E neste e em todos os meus versos, minha
doce Musa, o teu nome hás de encontrar
enchendo cada estrophe e cada linha
como um eterno rythmo a vibrar.

Sugestões....

Ha no teu todo esguio
e singular
qualquer causa de leve e fugidio
de ondeante e doce como a água de um rio
reflectindo o luar....

Sinto
perto de ti o intenso gozo de viver....
Tua alma é um intrincado labirinto....
És um mixto de mel e de absyntho
que sorvo com prazer....

Nos teus olhos que têm uma expressão doentia,
suave e espiritual,
ha espasmos de desejo e de agonia....
Vejo-te a alma a boiar na sua luz sombria
como um trecho de céu num fundo de vitral....

Si
me fallas, nessa voz dum rythmo indolente,
sinto-me enfeitiçado, a ver, languidamente
desenrolar ali, ao pé de ti,
impressões de paisagens
desconhecidas, sonhos e miragens
que nunca vi....

Infundes-me nas veias
um desejo sem fim de carinho e abandono
e, ao mesmo tempo que incendeias
meu sangue, assim como as sereias,
dás-me a impressão doce e nostálgica do outono.

Como as velhas esphinges,
esta minha alma sonhadora agitas
em ânsias infinitas,
quer nas horas de amor em que me estringes,
quer nas horas de scisma em que me fitas...

Ha momentos
em que te sinto toda feita para mim
e acredito em magia, encantamentos,
vendo-te a me fitar com teus olhos nevoentos
como um céu da Bretanha,
onde palpita a ansiedade sem fim
de uma outra vida bem diversa, bem estranha.

Ás vezes, ao te fitar,
vem-me a impressão de que o teu todo corresponde
(e essa idéa subtil quantas outras encerra!)
a uma paisagem que eu conheço, sem lembrar
quando é que a vi, nem onde....
Nostalgias, talvez, doutra vida, outra terra!

POESIAS

Esse dom de fazer
evocar-me á memória dolorida
tanta cousa esquecida
e que nem sei dizer
é a influencia maior que tens na minha vida.

Eu já te conheci
nalgum paiz em que já nos amamos
pois o primeiro beijo que trocamos
já trazia o sabor dos outros que perdi.

Muitas vezes, á tarde, tu assumes
uma attitude de contemplativa
em que resumes
toda a belleza inexplicável, viva
da noite em que palpita a alma captiva
dos sons, das cores, dos perfumes....

Evocas-me a scismar,
as mãos no rosto,
numa attitude langue de desgosto,
uma paisagem morta, á beira mar,
uma vela que deixa a enseada já sol posto.

És, assim, para mim
o supremo desejo e a grande evocação,
o fim
e o primeiro ideal de minha aspiração.

JOSÉ DE MESQUITA

E, no entretanto,
és tão singela como a natureza,
tão pura como a luz e como o ar
e teu encanto
é a naturalidade da belleza
que nasce feita e que ninguém sabe imitar.

o nosso grande amor singelo
é puro como o idílio em scena antiga
e, ao Ver-te o rosto bello,
o meu maior anhelos
é que este amor seja assim sempre, minha amiga.

Assim, suave, discreto,
feito de um grande ideal, dum desejo sem fim,
dum grande sonho inquieto
e dum affecto
assim....

Sinto que te encontrando
achei a explicação de minha vida.
Eu te vivia procurando
numa ânsia indefinida....
Tu havias de vir, mas como? donde? quando?

Outros via eu passar,
irem-se braços dados e sozinhos....
E, pela immensidade dos caminhos,
flores noivando, arrulhos velas ninhos.
E eu a esperar, sempre a esperar....

Ó meu amor!

Que hei de dizer-te que não seja dito,
repetido por mil lábios em flor,
por todo o mundo infinito
onde existe o desejo, onde palpita a dor?

Ao pensar que me queres
que eu faço estremecer teu lindo seio
com uma palavra, com um olhar si quer,
ceio
que és p'ra mim, entre todas as mulheres,
a mais bella, a mais terna, a mais mulher.

Que consolo saber que continuamente
pensas em mim, quando não me sorris;
pensar que neste mundo enganoso, descrente,
ha uma criança ingênua e boa que não mente,
e que é feliz só porque eu sou feliz!

Querida, ouve entre tanto desengano,
tanta illusão,
o pobre ser humano
só é feliz si tem o amor no coração.
Bemdita sejas, meu amor, minha paixão!

Teu olhar

Quanta luz nesse olhar vejo, querida,
quando o repousas docemente em mim !
É elle que alumia a minha vida....
Quanta luz nesse olhar vejo, querida!
O sol do estio não rebrilha assim!

Nelle do amor todo o clarão refulge
e que doçura tem meiga e sem fim!
Toda, a tua alma á flor dos olhos fulge.
Nelle do amor todo o clarão refulge.
Nem o luar é tão suave assim!

Teus olhos são dois astros rutilantes;
deixa que a sua luz se esparza em mim,
agora e sempre, agora como dantes....
Teus olhos são dois astros rutilantes....
Que o teu olhar me siga sempre assim!

Á hora da morte quero-o como círio,
perto, quando sentir próximo o fim,
no ultimo instante, no final delírio....
Á hora da morte quero-o como cirio,
pois não ha cirio que illumine assim!

Deixal-o em mim pousar-se docemente,
illuminando este caminho ruim
por onde vou tão só, tão tristemente....
Deixal-o em mim pousar-se docemente,
como um sonho de amor que não tem fim.

Nocturno

Eil-a que dorme. Branda e suavemente
arfam-lhe os seios sob a camiseta
muito alva, de fina cambraieta
leve, macia, quasi transparente.

Pelo collo se espalha a cabelleira
escura e o rosto virgem resplandece
num halo de pureza que parece
uns ares lhe imprimir de linda freira.

Olhos cerrados, bocca entrefechada
— essa boca ideal que tanto aspiro!
Passa a mão pelo seio e, num suspiro,
estremece, de súbito, assustada.

Sonha, talvez? Que sonhos terá ella?
Eil-a a dormir, tão pallida e serena....
Um suave perfume de açucena
entra por entre as frestas da janella.

E em quanto o albente luar pelo telhado
vem lhe beijar a face linda e calma,
meu coração inquire de minha alma
porquê lhe arfou o seio alvoroçado?

A alma, entanto, fitando a noite bella
interroga dos céus a immensidade:
— porque fez Deus a luz, a claridade,
quando bastava a luz dos olhos della?

O coração, porem — mas que curioso!
perscruta, inquieto, a causa do suspiro....
Sobra lua no céu fazendo o giro
do plenilúnio lento e vagaroso.

E minha alma pergunta, ansiosa e louca,
aos resedás e às rosas perfumosas:
— para que existem resedás e rosas
diante da linda flor daquella bocca?

Na sua teima, o coração ainda
procura a causa do estremecimento,
do sobressalto súbito e violento
que, em sonhos, lhe turbou a face linda.

E a alma, levada agora em doido anseio,
pensa em ser um pequeno passarinho
e ir se esconder no perfumoso ninho
quente e sensual do seu moreno seio.

Mas eil-a que desperta. A trança preta
lhe cai aos hombros e ella, bocejando,
se ergue do leito puro, a rir, mostrando
os pesinhos por sob a camiseta....

Ha como o despertar de uma alvorada
quando elle se ergue e vêm se, de repente,
as graças do seu corpo adolescente
sob a camisa curta e decotada.

POESIAS

E, num sonho de amor que continua,
ella, de pé, no quarto pequenino,
fica a se olhar no espelho byzantino
que lhe reflecte a linda espádua nua.

Fica a se olhar dos pés ao collo e ao seio,
a analysar-se assim, linha por linha,
e no rosto gentil uma covinha
se abre, num mixto de prazer e enleio.

Um riso de criança satisfeita....
Mas, de repente, cora e treme, vendo
que a luz do dia vem apparecendo
e, através da cortina, o sol a espreita.

Esconde-se no oriente a ultima estrella
quando ella abre a persiana cor de creme
e no horizonte vago, ao longe, treme
a própria luz do sol, ciosa de vel-a....

JOSÉ DE MESQUITA

Em teu leque

No artístico lavor do teu leque de gaze
eu não sei que expressão suave hei de escrever.
Busco a idéa melhor, que scintille na phrase
como um rubi num ouro velho a resplender.

Embalde, pois que tu bem conheces, querida,
que deste amor que sinto e que sentes também,
não se pode encontrar a expressão, a medida,
pois ninguém sabe o que é este amor, ninguém, ninguém.

E, podés crer, no mundo onde ha tantos amantes,
nunca antes houve e nem poderá haver depois
dois mais leaes, apaixonados e constantes
do que nós dois....

Phrases Lyricas

Às vezes, alta noite, o lasso pensamento
entregue á doce scisma, ao meigo devanear,
eu sinto que um estranho e suave sentimento
o coração me invade aos poucos, lento e lento,
que eu não sei bem dizer si é gozo , si é penar.

Na solidão do céu a colméia brilhante
das estrelas dardeja um dulcido clarão.
É tudo calma e paz, do verme rastejante
as alturas, do musgo ao carvalho gigante,
da myosotis azul aos astros da amplidão.

Tudo dorme e repousa. A idéa apenas vela,
porquê ella é como o fogo eterno das vestaes,
porquê ella é como um astro em meio da procella,
a abrir, no alto do céu, a sua luz tão bella,
zombando do tufão, rindo dos vendavaes.

É doce recordar-se, a noite, bem sozinho....
recordar-se é viver o que se já viveu.
Assim a um viajar, na curva do caminho,
apraz olhar atraz, lembrar o doce ninho,
a antiga placidez da terra em que nasceu.

A vida se condensa inteira no que amamos,
seja realidade ou chimera esse amor,
seja um ente real ou um sonho que ideamos,
seja um pouco de céu, seja um ninho, entre ramos,
seja um rio, uma planta, uma estrella, uma flor....

E eu que todo o ideal, todo o sonho dourado
ponho em ti, doce amor, que és tudo para mim,
apraz-me recordar o teu perfil amado,
vendo, na evocação, o teu rosto adorado
cheio de graça meiga e de encanto sem fim.

Das horas de prazer e enlevo em que te vejo
faço momentos bons dum êxtase ideal
e daquellas em que, curto, longe, o desejo,
á espera dum feliz e encantador ensejo,
séculos de tortura e angustia sem igual;

eu que vivo de ti, ó minha flor singela,
penso, longe de ti, que não posso viver....
E enquanto corre a noite, enluarda e bella,
fico triste, a scismar, debruçado á janella,
conto as horas da noite, a espera de te ver.

Andorinhas

Pelas saudosas horas da tardinha,
da luz do dia ao derradeiro raio,
eu vi passar por mim uma andorinha,
sob o pallido azul dum céu de maio.

Da luz do dia ao derradeiro raio
e ao suave clarão do luar nascente,
sob o pallido azul dum céu de maio,
ella passou por mim ligeiramente.

E ao suave clarão do luar nascente
— hora saudosa, plácida e divina —
ella passou por mim ligeiramente,
quando assomava a estrella vespertina.

Hora saudosa, plácida e divina!
Um sino, ao longe, lagrimas vertia,
quando assomava a estrella vespertina
e o sol no poente rubro se escondia.

Um sino, ao longe, lagrimas vertia....
Eu ficara a scismar, nas mãos a fronte.
E o sol no poente rubro se escondia.
Subia a lua cheia no horizonte....

Eu ficara a scismar, nas mãos a fronte,
do crepúsculo á luz triste e saudosa.
Subia a lua cheia no horizonte;
como uma flor de lótus majestosa.

Do crepúsculo á luz triste e saudosa,
uma outra passou num vôo incerto....
Como uma flor de lótus majestosa,
a lua dominava o céu deserto.

Uma outra passou, num vôo incerto....
O meu olhar as foi acompanhando.
A lua dominava o céu deserto
e eu fiquei largo tempo ali scismando.

O meu olhar as foi acompanhando;
a alma, entretanto, muito longe andava.
E eu fiquei largo tempo ali scismando
empós dessa andorinha que voava....

A alma, entretanto, muito longe andava.
Pensei em ti. Julguei-me uma andorinha
empós doutra andorinha que voava,
pelas saudosas horas da tardinha....

Foyer

Por uma noite assim, querida,
e que me apraz imaginar
a nossa venturosa vida
quando tivermos nosso lar.

Fora, ao rugir da ventania,
chuva em catadupas cai
enchendo a noite erma e sombria
de sua grande magoa vai.

Emquauto nós, na alcova quieta,
cheia do nosso grande amor
nos beijaremos á discreta
luz desse «belga» protector.

Eu te lerei um livro lindo,
enquanto tu, no teu *tricot*,
me fitarás, entresorrindo,
a ouvir o que te lendo vou.

E, num silencio delicado,
teus olhos meigos sobre mim,
lembraremos o passado
e o nosso grande amor sem fim.

As mãos nas mãos, entre dois beijos
e dois abraços, meu amor,
me fallaras dos teus desejos
e eu de um futuro seductor.

Mas, de repente, conversando
dos nossos sonhos de porvir,
um choro flébil, muito brando
o nosso ouvido vem ferir.

De um berço lindo de palhinha
alguém nos chama e nos sorri.
Ficou o livro nessa linha...
O teu *tricot* parou ali.

Nenê nos chama. Meio rindo
eu te acompanho e tu lhe dás
teu seio encantador e lindo,
e mil afagos maternas.

E, agora, os dois, enternecidos,
numa suave evocação,
nos abraçamos, muito unidos,
na doce meia escuridão.

Ideal

Tu que, sem conhecer, amo desta maneira,
creatura ideal a quem minha alma inteira
e este meu coração inteiro dediquei,
tu que no caos horrendo em que me debatia
foste como o clarão benéfico do dia,
Tu que eu antes de ver eternamente amei,

cujas feições minha alma ardente de poeta
de ha muito em tudo via e numa ânsia secreta,
buscava em tudo achar, em tudo descobrir,
Tu por quem, muito tempo, andei na cata obscura,
buscando-te, assim como o viajor procura
entre as trevas da noite uma estrella a luzir,

tu para quem então os rythmos da Lyra,
em quem minh' alma encontra o sonho bom que a inspira
e por quem, muito tempo, encantado vivi,
grande e excelso Ideal, perfeito e inatingido,
derradeira illusão deste desilludido,
miragem de ouro e azul que, ao longe, me sorri,

ouve — doce visão querida de minha alma,
palinuro do amor, sacerdotisa calma
este culto interior, meu sonho e minha luz,
desce do egrégio altar onde a esplendor te vejo,
inatingivel, pura e serena ao desejo....
Estás alto demais p'ra o pezo desta cruz.

Deusa ou mulher, qualquer que seja a tua essência,
ou te aureole, a radiar, a viva refulgência
dum templo; ou vibre em ti a alma humana infeliz,
meu suave Ideal, meu desejo infinito,
ouve a voz que te chama, ouve o clamor afflicto,
a ardente aspiração de quem sempre te quis!

Si vieres, terás uma alma grande e pura
para te celebrar a gloria e a formosura,
Viverei só por ti e para o nosso amor....
Mas, não vens.... Ideal.... Chanaan desejada....
Nuvem que se desfaz em vindo a madrugada....
Meu supremo Prazer.... Minha infinita Dor....

I

Pelo aclave do morro as alvas, casas
como que dormem.... Passam
pombos brancos pelo ar ruflando as azas
que incertos vôos traçam.

Um cheiro agreste e forte de baunilha
no ambiente se derrama,
Ao largo, longa e tortuosa trilha.
Longe; vergeis de gramma....

Uma arvore frondosa ergue-se ao lado,
qual colosso de Rhodes.
Imagino Virgilio ali deitado
compondo as suas odes.

E enquanto tudo é paz e doce calma
e solidão aqui,
porquê não ha de haver paz na minha alma
que sempre pensa em ti?

HORAS FELIZES

POESIAS

II

Esta manhan, quando accordei, a estrella
d'alva no céu brilhava
e me veio a impressão perfeita, ao vel-a,
de um pharol que irradiava.

Olhando a face calma e transparente
de um riacho, reflectida
vi nella a estrella pallida e dormente
com sua luz sentida.

A alguém que me pediu, todo curioso,
a razão desse facto,
como a estrella, habitando o céu glorioso,
vivia no regato,

eu disse: «Certamente esse ribeiro
tem por Vésper paixão.
Quem ama traz o ser amado inteiro
dentro do coração....»

JOSÉ DE MESQUITA

III

Outras que ao meu amor appareciam,
cheias de gentileza
dos teus olhos a luz não possuíam
nem a tua belleza

serena e casta em que transfulge um raio
da luz do Paraíso
e a florescência cândida de maio
que existe em teu sorriso.

A quem busca no amor toda a ventura,
de um sonho bom o alento,
só tu satisfarias, linda e pura,
tu que, num só momento,

me abriste como um céu, tua alma boa,
immaculada e san
que, esquecendo o passado, inda perdoa
com meiguices de irman....

IV

Não dê ouvido a bôccas maliciosas
que querem lisonjear-te....
«És bella! És a formosa entre as formosas!»
Ouves em toda a parte.

Não te tornes, porem, envaidecida
da tua formosura,
porque a modéstia é em ti, jóia querida,
a perola mais pura....

E, si a perderes, todos os encantos,
toda a tua belleza
não valerão o bem perdido.... Tantos
são teus dotes, princesa,

e, entanto, eu amo, muito mais que tudo,
ver-te modesta assim....
Tão modesta que eu fico humilde e mudo,
si estás ao pé de mim....

V

A lua tem uma expressão magoada
de alguém que soffre e pena,
parece uma donzella amortalhada
na doce luz serena.

Parece uma velhinha muito branca,
encolhida e bondosa
a cuja vista á alma da gente arranca
uma expressão piedosa:

A lua quando passa no Infinito,
a semear os lírios
traz um suave balsamo bemdito
a todos os martyrios.

Eu julgo mesmo que ella é a confidente
das infelicidades
e anda a derramar por sobre a gente
o orvalho das saudades....

VI

Como hoje despertasse ameaçado
de um ataque de tédio,
eu saí bem cedinho, com o sol nado,
em busca de um remédio.

Encontrei-a, na estrada, e ella, sorrindo
ante a minha tristeza,
aconselhou-me fosse ali seguindo
buscar a Natureza

«A Natureza» disse-me, brejeira,
«é o melhor dos doutores.
Tem fama de infallível curandeira
nessas cousas de amores.

Tem drogarias dentro do arvoredado
— servem-na as borboletas —
e um elixir de que guarda o segredo
feito de violetas....»

VII

«Tudo acabado» eu disse, num momento
mau de desharmonia,
mas, não sabes, querida, o sentimento
com que isso te dizia.

«Tudo acabado». Era um romance inteiro
de sonho e de ventura,
que assim ia perder-se num ligeiro
minuto de loucura.

Como fôra possível que acabasse
num só instante assim,
como um delírio rápido e fugace,
o nosso amor sem fim?

Como? E, entanto, o dissemos, num momento
de zanga entre nós dois....
Mas, sabe Deus o nosso sentimento
um minuto depois....

VIII

Já te hei dito, querida, e, certamente,
não se fará mister
repetil-o, que para mim somente
existe uma mulher.

Essa mulher és tu, flor de beleza
virgem e sem igual,
que me fizeste num momento preza
desta paixão fatal.

Olhando o teu retrato, as puras linhas
do rosto, a face, o olhar,
sinto a carência com que as phrases minhas
te buscam retratar.

Si boa tu não fosses, meiga e pura,
assim como tu és,
somente a tua doce formosura
me poria a teus pés....

IX

Ella faz annos hoje....Quem pudera
ser Deus para mandar
o céu se encher de azul, de primavera
o campo se ataviar!

Quem pudera ser Deus para no dia
dos annos desta flor
cobrir de flores toda a serra
a trescalar olor!

Quem pudera ser rei, sultão do Oriente,
para dar-lhe, a sorrir,
da a gemmante pedraria ardente
de Golconda e de Ophir!

Mas, eu desejo mais.... Ai! quem pudera,
Nos annos desta flor,
dar-lhe todo o esplendor da primavera
divina, que é o amor!

X

Tanta coisa que escrevo inutilmente,
porque bem sei que os versos
não reflectem siquer palidamente
os meus ideaes dispersos.

Bem sei que a idéa, astro de luz sublime,
não se contem na forma,
por vocábulos frios não se exprime,
nem se sujeita á norma.

Ha muita coisa em nós de indefinível...
A idea transplantada
ao papel, perde a essência que é intangível,
torna-se quasi nada....

Por isso escrevo tanto e nada digo
e, com immensa dor,
vejo que nem idéa dar consigo
de mim, do meu amor....

EPITHALAMIO

Noivado

Posso agora dizer que sou feliz, querida.
O meu sonho maior realizou-se enfim....
Sonho que, dia a dia, eu, através da vida,
imaginando vim....

Sonho que, no arrebol claro da adolescência,
me acenou, me sorriu, nas scismas juvenis
e que me acompanhou até hoje a existência
torturada ou feliz.

Sonho que bafejou meus anhelos de outrora,
meus primeiros ideaes da antemanhan do amor,
na mocidade, quando a vida é como a aurora
de um dia promissor.

Sonho que vi de mil maneiras diferentes
e de que, muita vez, cheguei quasi a descrever
mas que vivia em mim, mesmo nos inconscientes
aspectos do meu ser.

Eil-o que se realiza. Eis-me que me compreendo
encontro o enigma que eu vivia a procurar,
sentindo que o viver se integra no estupendo
doce dever de amar.

E me vejo, afinal, dentro da natureza
que é uma licção fecunda e constante de amor,
e homem sinto-me enfim, a alma inebriada, preza
dum ésto creador....

Sinto-me igual de tudo o que ama e que trabalha,
da flor linda que se abre ao sol primaveril
nas núpcias vegetaes e o póllen de ouro espalha
no ar diaphano e subtil;

igual da ave que vai seu ninho construindo
e de tudo o que vive e soffre e goza, enfim,
aos casaes, nesse enlevo encantador e lindo
de um noivado sem fim....

E bemdígo-te, estrella em meu céu tenebroso,
flor de carne e de sonho, aurora, rosicler,
alma casta e gentil num corpo primoroso,
mixto de anjo e mulher.

Bem dita sejas tu, ó doce eleita, e augmente
cada vez mais o nosso amor, nossa paixão,
até que nos transfunda e absorva num só ente
e num só coração....

Única

Mil versos eu componha, mil poemas
de minha mente como soltas ondas
de um rio se derramem, cascadeantes,
nelles, em todos, indistinctamente,
a tua idéa, única inspiradora
dos versos meus, ha de ficar gravada,
como sobre uma lapide marmórea
fria inscrição que o tempo não apaga,
como legenda indissolúvel, como
uma estrella que brilha eternamente.

Foste tú, ó mais bellas entre as mais bellas
Que a minha musa dúbia e vaccillante
dirigiste e lhe deste um alvo certo;
foste tu que, no albor da adolescência,
quando minha alma em flor se desbotoava,
me appareceste como um sol fecundo.
Nesse teu rosto angélico e sereno,
calmo e formoso como um céu de maio,
nesse teu rosto eu leio todo inteiro
o poema de amor de minha vida...

Ah! que inda um dia eu veja coroado
tanto devotamento! Que eu alcance,
antes da grande viagem do infinito,
beijar-te os lábios rubros, velludosos,

como um fructo que se abre para o beijo!
Que inda te ouça essas vozes deliciosas
dos instantes de amor, entrecortadas
de lagrimas, gemidos e sorrisos!
Que inda eu possa dormir no doce ninho
moreno e perfumoso do teu seio!

Vou pelo mundo como um peregrino
por deserta, sombria e triste estrada....
Guia-me o teu amor, pharol sereno,
nuvem de ouro que indica o rumo certo
da Chanaan formosa que procuro...
Dá que em minha alma a tua imagem sempre
brilhe, fulja, resplenda, arda e fascine,
porque é de ti, por ti, contigo apenas
que vivo e que a existência comprehendo.
És única, ó mais bella entre as mais bellas!

Idillio

I

Quando, nas horas de ternura,
recostas o teu rosto em mim,
cerras os olhos na doçura
de um sonho lânguido e sem fim,

e tua voz se torna ainda
mais doce e carinhosa assim,
a tua face rósea e linda
se tinge de um leve carmim,

eu, sem palavras, sinto apenas
que esqueço a vida, o mundo ruim,
nas horas doces e serenas
em que te vejo ao pé de mim.

II

Quando, nas horas de tristeza,
pousas em mim o teu olhar
numa ânsia muda em que a alma presa
como que adeja e quer voar,

e vejo os teus olhos formosos
velados de um grande pesar,
cheios de lágrimas, chorosos,
timidamente a me fitar,

sinto que te amo mais, querida,
vendo-te assim por mim chorar,
nessa expressão de dor sentida
que diz tão bem com teu olhar.

III

Quando, nas horas de desejo,
te estreito ao seio, meu amor,
e, num delírio ardente, beijo
a tua linda bocca em flor,

as tuas mãos febris aperto
e vejo que te foge a cor
e, como num deliquo incerto,
tu te abandonas num torpor,

sinto que cresce, violento,
desta paixão o imenso ardor.
Busco apagal-o....E mais o aumento
a cada novo beijo, amor....

Cantigas singelas

Conto as horas p'ra te ver
e as horas em que te vejo,
— umas, conta-me o desejo,
— outras, conta-me o prazer. ⁽²⁾

As horas que passo aqui
são séculos não são horas....
Meu amor, porque demoras?
Não posso viver sem ti. ⁽²⁾

Deus já te fez tão formosa,
podia se contentar....
Quiz fazer-te carinhosa
para mais me captivar. ⁽²⁾

Pediste que te dissesse
que penso em ti, noite e dia....
Para quê? Nem que quisesse
pensar noutra não podia.... ^{(1), (2)}

O nosso ninho de amor
estive agora a fazel-o
com todo o cuidado e zelo
que isso requer, minha flor. ⁽²⁾

E minha alma phantasia
uma alcova cor de rosa,
clara, bonita, espaçosa,
cheia de sol e alegria.

Fora um pequeno jardim....
Poucas flores: cravos, rosas;
pois as flores mais formosas
são as que guardas p'ra mim. ⁽²⁾

Assim será nosso ninho
e chega bem, ao que vejo,
para o meu e o teu desejo,
para o teu e o meu carinho.

E dizer-se, minha flor,
que a ventura tão fallada
é apenas isso....mais nada....
um ninho e, lá dentro, o amor!

Como a estrella da manhan
é formoso o teu olhar
e tem tão doce brilhar
como a estrella da manhan.

Como uma rosa entreaberta
são os teus lábios gentis,
de tão suave matiz
como uma rosa entreaberta.

Quando repousas em mim
teus olhos, eu sinto n'alma
não sei que bem e que calma,
que doce enlevo sem fim.

A tua bocca é tão pura
como a nívea flor de lótus,
como os aromas remotos
que vêm da floresta escura.

Querida, por teu amor
o que é que eu não daria?
Vida, ventura, alegria....
Nada vale o teu amor.

Quando me zango contigo
teus olhos se encham de pranto.
Não sei de maior castigo
que me faça sofrer tanto. ⁽²⁾

Tuas lágrimas de amor
eu as quizeria guardar
no cálice de uma flor
e, a toda hora, as beijar....

«Quero morrer em teus braços.»
Não digas isso, querida.
Pois eu, preso em teus abraços,
é que mais desejo a vida. ⁽²⁾

«Sonhou comigo?» Decerto.
Como não hei de sonhar?
Minha vida é um sonho, perto
ou longe do teu olhar.

Para dizer-te o que sinto
não ha termos, minha flor.
Si disser que te amo, minto,
pois isto é mais do que amor.

Mais do que amor.... Mais que à vida.
Nem o posso definir....
Eu sinto-o apenas, querida....
Não sei mais do que sentir....

Nota de pesquisa:

(1) Trecho reproduzido no Romance "A SOMBRA DO ARCO-IRIS", Malba Tahan, 3º Vol., 10ª Edição, Ed. Conquista, Rio de Janeiro, 1959, pg. 586.

(2) Trecho reproduzido na Coletânea "Trovadores do Brasil", Aparício Fernandes, Volume 2, Editora Minerva, Rio de Janeiro, 1966, pág. 224.

Aos meus filhinhos

De um grande amor sois as flores,
fortes, sadios rebentos
que á vida agora eclodis,
formosos e promissores,
cheios de viços e alentos
e encantos primaveris.

Em vós como que renascem
os vossos pais, pois vos vendo
a rir e a tagarellar,
embora os annos se passem,
do tempo a marcha esquecendo,
não os sentimos passar.

Por largas horas ficamos
a fitar enternecidos
vossas feições virginaes,
e o amor com que vos amamos
tal como cresceis, queridos,
cresce cada dia mais.

O amor dos pais é infinito,
pois que nelle se deparam
múltiplas formas de amar,
e em dizer-vos não hesito
que os vossos pais vos amaram
ao começarem se amar....

Filhos meus, da minha vida
sois os lauréis desejados,
a gloria, o enlevo feliz;
não ha lucto ou dor sentida
que eu não veja dissipados
si, contentes, me sorrís.

Das agruras mil que a sorte
muitas vezes nos propina
sois o balsamo, o elixir,
e a própria visão da Morte
se esfaz, si, em luz peregrina,
nos clareaes o porvir

Vossos brincos innocentes,
vossos risos, vossos mimos,
tudo o que de vós provem,
nos põe felizes, contentes
pois em vosso amor sentimos
maior nosso amor também.

Nos seus arcanos profundos,
Deus quiz, com vossa presença,
abençoar nossa união,
pois os casaes infecundos
são, segundo velha crença,
arvores de maldição....

Filhos, renovos nascidos
do nosso amor....Sois, crianças,
flores e, ao sol despontaes.
Crescei e, quando crescidos,
confirmae as esperanças
e os sonhos dos vossos pais!

Quadras

Pode haver muita beleza
que, ao vel-a a alma se estrella,
— deusa, pastora ou princesa....
Porem, nenhuma tão bella.

Existirão, certamente,
outras de ingênua figura,
olhar meigo, ar innocente....
Porem, nenhuma tão pura.... ⁽¹⁾

Haverá muita bondade
que se não descreve atôa,
almas boas de verdade....
Porem, nenhuma tão boa....

Eu acredito que exista
feição em que a alma se externa
em ternura nunca vista....
Porem, nenhuma tão terna....

No mundo — e é tão grande o mundo!
— ternas, boas, puras, bellas....
quanto mais eu me aprofundo,
mais creio em ti, menos nellas.... ⁽¹⁾

Nota de pesquisa:

(1) Trecho reproduzido na Coletânea “Trovadores do Brasil”,
Aparício Fernandes, Volume 2, Editora Minerva, Rio de Janeiro,
1966, pág. 224.

Intimidade

Nessas horas de enlevo e de suave encanto
em que nós dois, a sós, nos fallamos de amor,
sinto como que em mim se infiltrar um quebranto
e por todo o meu ser derramar-se um langor.

É que te amo demais, é que te adoro tanto
como nunca pensei que se pudesse amar....
Nessas horas de enlevo e de suave encanto
vejo um céu se entreabrir, radiante, ao meu olhar.

Olhos cheio de sonho, os teus olhos, querida,
feitos para a doçura inebriante, sem fim
dos olhares de amarem que a alma, desprendida
de tudo, se concentra e se absorve assim....

Olhos como jamais eu encontrei na vida,
têm na sua suave e lânguida expressão
todo o doce prazer, toda a magoa dorida
que ha no teu innocente e puro coração.

Olha-me sempre assim! Como eu desejaria
ter-te sempre ao meu lado, ouvindo-te dizer
essas phrases de amor com que se delicia
minha alma num sublime, ineffavel prazer.

POESIAS

Falla-me sempre assim! A dor que me angustia
cede diante do encanto immenso dessa voz
e me sinto feliz desde que ouço a harmonia
das palavras de amor que me dizes a sós!

Ó meu amor! ó meu consolo! ó meu desejo!
Não sei como dizer-te o que sinto por ti....
Penso em ti, noite e dia, e quando te não vejo,
nada, em torno de mim, me afaga e me sorri.

Si me fallas de amor, cheia de um doce pejo,
sinto-me tão feliz. tão feliz, tão feliz,
que a minha voz se apaga...e é um sussurro de beijo
com que só sei dizer como sempre te quis.

JOSÉ DE MESQUITA

Manhan de núpcias

Numa manhan radiosa e límpida como esta
de céu assim azul, de sol assim brilhante,
quem não ama, na paz virente da floresta,
ouvir dos sanhaços o gorjeio vibrante;

sentir-se lhe infiltrar o sangue, lento e lento,
um ésto de poesia e amor, ás vozes calmas
do arvoredo que freme ás caricias do vento,
nessa extranha fusão das cousas e das almas;

fruir, no sossegado e edenico remanso
da natureza boa, a paz tão desejada
e deixar-se levar dum sonho, manso, manso,
enquanto esplende o sol na solitária estrada;

ouvir o murmúrio alegre de um riacho
correndo entre os desvões dum valle alpestre e rudo,
e indo morrer no lago a se espraiair lá embaixo,
muito azul, sob o azul do céu pallido e mudo;

ou dum tamarineiro á protectora sombra,
longas horas, quedar-se a tudo em roda abstracto,
vendo, immensa, estender-se ao longe, a verde alfombra
onde canta a alegria ingênua dum regato;

POESIAS

ouvir o ciciar da brisa nas ramagens
com um som muito brando e quasi imperceptível
e aspirar, com prazer, as tépidas bafagens
que exalam um olor de seiva indefinível;

e, alma livre, vagar no céu da fantasia,
longe da sensação da triste realidade,
inebriar-se de luz, de aroma e de harmonia,
fora do burburinho odioso da cidade!

Como é suave o amor no seio da floresta!
Tudo convida a amar e tudo incita ao gozo.
Onde pompa nupcial mais garrida do que esta?
Onde templo de amor mais bello e mais sumptuoso?

Vamos.... Dá-me o teu braço e vem. Nosso noivado
terá como scenario a natureza amiga.
Como é mais bello assim, pelo sol aureolado,
o teu nobre perfil de estatuaria antiga!

Lá no ambiente aromal que se exhala do seio
da floresta, a irradiar alegria e saúde,
desfolharás sorrindo, entre prazer e enleio,
as rosas virginaes da tua juventude.

Vem.... O bosque vestiu as suas galas todas,
no ridente esplendor da flórea primavera,
como que para assim festejar nossas bodas,
— esse instante feliz porque nossa alma espera.

JOSÉ DE MESQUITA

Soltos ao vento os teus cabellos como um manto,
nunca me pareceste assim tão meiga e bella.
A doce hora nupcial porque ansiávamos tanto
eil-a.... Porquê, formosa, esperar mais por ella?

Vem.... Nunca assim fulgiu manhan tão luminosa,
de uma primaveril e olympica belleza,
transbordante de luz, esplendida e gloriosa
como esta que hoje ennoiva a própria natureza....

Canta o rio.... Arde o sol.... Engrinaldam-se os ramos....
Azas de toda a cor passam num vôo lento....
E, entanto, minha noiva, abraçados nós vamos
pela selva florida, ao sussurro do vento....

E um bando de sabiás, numa velha mangueira
vendo-nos, no esplendor da alleluia auroral,
desata a gorjear e, em breve, a matta inteira
vibra, unisonamente, uma marcha nupcial....

Nosso romance

Eu não sei bem dizer como foi que em meu seio,
sem que eu o pressentisse, um dia o amor nasceu.
Lembro-me só que a vi, preza dum vago enleio,
e que seu doce olhar cheio de graça, cheio
de meiguice e de amor se pousou sobre o meu.

Para a minha alma ingênua e quasi alheia á vida
aquelle olhar foi como uma revelação
e minha alma sentiu, tremula e sorprendida,
perpassar desse olhar na branda luz sentida
o mundo mysterioso e ignoto da paixão.

Aquelle olhar foi como um raio em noite escura,
— tudo se me aclarou á luz daquelle olhar.
Nelle havia o receio e o pudor de mistura
com o desejo e a paixão e a alma innocente e pura
abriu-se para o amor como uma rosa ao luar.

Ella é que me ensinou da poesia o caminho.
Foi-me a sua affeição como um bom conductor
que, em meio do deserto estéril e maninho,
abre um oásis verde onde ha sombra e carinho,
águas frescas cantando e roseiraeas em flor.

Quantas noites, então, não passei enlevado,
pensando nella e em mim, scismando, quieto e a sós,
pensando nella que era o meu sonho dourado,
pensando em mim que a amava e me sabia amado...
E como era suave esse pensar em nós!

Si a encontrava, um enleio immenso me tomava
e com que turvação lhe fallava a corar!
Ella — bem que o sentia e bem que o reparava —
fingia não notar o meu tremor... Fallava...
E, em tanto, a sua voz tremia ao me fallar...

Depois, seguindo a lei do desenvolvimento,
o nosso amor foi indo até nos parecer,
coisa mui natural e aquelle acanhamento
foi desaparecendo aos poucos, lento e lento...
E já de conversar sentíamos prazer.

Si não fosse o ciúme.... Ai! o maldito ciúme
que, por vezes, turbou aquella nossa paz!
A flor tem o veneno ao lado do perfume....
Assim o amor, o bem e o mal, iguaes, resume.
Tanto nos faz gozar como soffrer nos faz!

Mas hoje que, passada essa desconfiança,
as duvidas cruéis se dissipam por fim,
vejo como que um luar de paz e de esperança
raiar no nosso céu azul cor de bonança,
de cada vez que sinto o teu olhar em mim....

POESIAS

este sublime amor é o sol de minha vida,
claro sol de verão esplendido e sem véu
E quando vem a dor nelle acho uma guarida
onde, longe do mal, esta alma dolorida
goza, na terra triste, um pedaço de céu....

Nos seus olhos fluctua a minha alma suspensa
e delles a esperança acena-me, a sorrir,
são o pharol da fé, nas horas da descrença,
e que encanto suave e que meiguice immensa
sabe ella num olhar demorado exprimir!

Quando da sua voz me prende o doce encanto,
— voz clara como um som de águas a casquinar,
ouvindo aquelle meigo e enternecido canto
vem-me a impressão de um terno e lânguido quebranto
de voluptuosidade em meu ser se coar.

Os seus lábios gentis são o meu céu dilecto,
o horizonte feliz de minha aspiração,
quer cerrados os veja em silencio discreto,
ou quer delles distille o dulcíssimo Hymeto
da voz, numa cantante ária de seducção.

Que de vezes, outrora, eu não sonhei beijal-os
e os ter perto dos meus, bem a alcance de mim!
E, hoje, meu doce amor, que delicia fital-os
num enlevo, bem perto assim, depois gozal-os
na doçura de um beijo inebriante e sem fim!

JOSÉ DE MESQUITA

Outro dia, na igreja, eu me fiquei rezando
não á Santa do altar, mas a ti, meu amor,
que eu via ali bem perto e que, de vez em quando,
com um ar de brejeirice, o rostinho voltando
me olhavas a sorrir, num riso encantador.

Para quem ama, a vida é uma canção formosa,
um hymno ininterrupto, álaçre e triumphal,
um céu de ouro e de anil e nuvens cor de rosa,
uma bebida estranha, intensa e capítosa
sorvida, gole a gole, em taça de crystal,

para quem ama, a noite é a ausência do seu riso,
o dia a luz subtil do seu suave olhar
e a vida lhe parece inferno ou paraíso
conforme a aclare ou não o seu grácil sorriso....
Para quem ama a vida é a delicia de amar.

A alma do passado é muda e, interrogada,
cala-se quasi sempre....Ah! si não fosse assim
quanta cousa diria, ó minha bem amada!
dessas horas de amor, doce sazão dourada
que ingenuamente nós supúnhamos sem fim....

Olhares em que vem a própria alma mirar-se,
silêncios em que existe a melhor confissão,
a confissão do amor inteira e sem disfarce,
quando vimos o ser docemente entregar-se
no abandono completo e extremo da paixão.

POESIAS

Episódios aos mil evoco dessa idade,
scenas que ora não vou, duma em uma, narrar,
seja porque não quero avivar a saudade,
seja mesmo porque fôra uma eternidade
si me pusesse aqui todas a recordar.

Juramentos de amor, pequeninas tolices,
ternura, intimidade, enlevo encantador,
beijos, silêncios bons, êxtases, brejeirices,
horas de zanga, horas de idílio e de meiguices....
Tudo isso é nada... e é a nossa vida... e é o nosso amor

JOSÉ DE MESQUITA

Poesia viva

Estes versos de amor fil-os fitando
teu lindo rosto cheio de bondade.
Nelles ha toda a doce claridade
do teu olhar compadecido e brando.

Fil-os perto de ti, naquellas horas
de enternecido e mysterioso enleio,
por isso têm o encanto dum gorgieio
em vez de fortes vibrações canoras.

São arrulhos, gorjeios, só sentidos
de nossa alma feliz e enamorada,
quando da mocidade na alvorada
o amor nos trouxe tão embevecidos.

Todo o carinho, todo o humano affecto
palpita e se presente nestes versos,
e pouco faz que sejam tão diversos
si todos têm a ti por objecto.

Eu conheci o enlevo da Poesia
nos teus olhares, cheios do infinito,
e no teu lindo rosto, o mais bonito
poema-cheio de graça e eurithmia.

POESIAS

Toda a esthetica como que se apouca
diante do teu sorriso venusino
é a rima mais sonora que imagino
é a dos teus lábios com a minha bocca.

Tua mãozinha é um lírico *quintetto*
de redondilhas leves e pequenas
e os teus pesinhos, deusa das morenas,
o mais sublime fecho de um soneto;

teus braços são dois versos parnasianos
da mais perfeita métrica e factura
— poemas sublimes, de belleza pura
talhados em modelos soberanos....

A Arte heráldica e nobre classifique-os
como um límpido e claro alexandrino,
perfeito, de um lavor quasi divino,
a cesura e os dois bellos hemistichios....

Tua voz tem um rithmo cantante
de serenata ao luar e no teu passo
ha a cadencia duma ária no compasso
de um *pizzicato*, três por quatro, *andante*....

Tudo isso é nada, moreninha linda,
si lembro teu amor meigo e sereno,
em que ha volata, madrigal e threno,
canção, ballada e tanta cousa ainda!

JOSÉ DE MESQUITA

Assim, em ti se ajustam, por encanto,
a forma mais perfeita e a mais divina
bondade, ó formosíssima menina
que eu tanto quero e que me queres tanto!

A poesia, si inda ella, acaso, existe
Tu foste quem m'a revelou, querida,
com teu amor que encheu a minha vida
de um sonho muito bom, suave e triste.

Em paga, pois, do que tu me ensinaste,
— ó doce mestra da poesia viva!
dou-te minha alma ingênua e primitiva
nestes versos de amor que me inspiraste.

DA NATUREZA

Poeta! o bosque é largo e ao que o homem não cura á
tristeza, ás paixões, á magoa, á desventura, a Natureza
tem um allivio por certo.

(Alberto de Oliveira)

Paisagens Cariocas

I

GUANABARA

Noite. Na solidão do vasto firmamento
estrellas aos milhões abrem o meigo olhar.
Ha um silencio profundo.... Apenas passa o vento
tênue como um suspiro e esfrola e beija o mar.

Esta calma me evoca as noites de Sorrento
que, vistas uma vez, não se pode olvidar,
ou, nas ondas azues do Jonio somnolento,
velas brancas e naus e triremes a voar....

Bellas noites de luar no encanto da bahia,
quem — noites de verão de janeiro — diria
o vosso encanto mysterioso e singular?

Num hemicyclo, alem, Rio se estende e dorme
e, pelo vasto mar, como um rosário enorme,
archipelagos de ouro esplendem ao luar....

POESIAS

II

BEIRA MAR

Tardinha. Á débil luz do sol que já declina
e se esconde por traz das montanhas distantes,
toda a linda avenida esplende e se illumina
de estranhos, orientaes, imprevistos cambiantes.

E é desde Botafogo, a indolente e divina,
e o Russel e o Flamengo em luzes scintillantes,
até onde a Avenida esplendida termina,
todo um grande fulgor de apotheoses flammantes.

Pelos lindos jardins abrem-se as azáleas.
Começa a despontar a luz do luar medrosa....
E, ao crepúsculo triste, um som de piano evoca

tênues, meigas, subtis, ineffaveis idéas,
como que, a me prender, feminina e amorosa,
a seducção sem fim desta terra carioca....

JOSÉ DE MESQUITA

III

LARANGEIRAS

Á hora doce em que a luz, como que enfraquecida,
tem espasmos subtis, longos e sensuaes
e um mixto de saudade e magoa indefinida
penetra a alma dos bons e dos sentimentaes,

como te amo o silencio, a calma recolhida,
lindo bairro fidalgo onde ha tradicionaes
suggestões do passado e duma antiga vida,
de épocas que se vão e que não voltam mais!

Larangeiras.... Teu nome evoca á minha mente
tantas recordações! E, á tardezinha, busco
teu silencio solemne, immenso, absorvente....
És só para ser vista á incerta hora de sonho
em que se extingue a luz e ao doce lusco-fusco
succede o meigo luar nostálgico e tristonho.

POESIAS

IV

TIJUCA

Plena floresta. O sol apenas se insinua
como uma restea de ouro através da ramagem
e, lá em baixo, distante, o nevoeiro fluctua,
numa gaze de luz suavizando a paisagem.

Um aroma de seiva anda no ar, corre, actua
em nós, enlanguescendo os sentidos. A aragem
passa.... Sente-se a água e apenas se ouve a sua
doce e abafada voz no meio da folhagem.

Sente-se a água a correr sonora e crystalina,
aqui numa cascata onde a luz vibra ardente,
ali num subterrâneo; e cantar em surdina,

mais alem a fugir, numa. ânsia pressurosa,
entre os seixos do leito a rolar docemente,
para o seio da matta escura e silenciosa.

JOSÉ DE MESQUITA

V

COPACABANA

Fora da barra. Um dia esplendido e vibrante
cheio de luz no céu e de rumores no ar.
O oceano é todo azul, o saibro rutilante....
Longe, uma vela. Alem, gaivotas a voar....

Á esquerda ergue, sombrio, o seu perfil gigante
o *Pão de Assucar*. Geme a eterna voz do mar....
Vem, de longe, o rumor da cidade distante....
E eu me fico ora o monte, ora o oceano a fitar.

As ondas vão e vem. Beijam a praia.... Esfrolam
a areia humida e, após, em grandes vagas rolam,
tornam a ir se ao largo e tornam a voltar.

E, inconstantes, sensuaes, já meigas, já furiosas,
ora na praia vem adormecer morosas,
ora contra o penhasco a espuma vão quebrar.

GÁVEA

No claro que a floresta ali deixou, entrando,
a luz tem um estranho, indizível mysterio
que parece um luar gelado penetrando
através dos chorões tristes dum cemitério.

Por acaso, á tardinha, um dia passeando
fui ter a esse lugar dum ar triste e funéreo,
onde uma arvore antiga os galhos alongando
parece um solitário em seu eremiterio....

E a solemne mudez desse lugar tristonho
me empolgou de tal modo e com tal violência
que, sahindo dali, como quem sahe dum sonho

e não pode esquecel-o, eu, toda a minha vida,
conservo na memória a tristonha dolência
desse trecho ermo e bom de matta recolhida....

Montevidéu

Eil-a.... Em frente do mar estende-se, radiante,
numa longa, sensual curva doce e graciosa,
refulgindo na luz desta manhan vibrante,
ao grande sol que a banha, a illumina e a apothéosa.

É de vêl-a no ardor deste verão flammante,
— palácios, torreões, vitraes, onde, gloriosa,
vem a luz espelhar-se e inflectir-se, irisante,
num sonho de *feerie* que a gente, absorta, goza.

É de vel-a e lembrar tudo o que evoca á mente,
outras assim, paisagens lindas e imprevistas
na sua immensa e encantadora variedade.

Montevidéu, na grande luz toda esplendente,
és para mim, para os meus olhos idealistas,
a glorificação mais alta da Cidade!

Tietê

Em Ponte Grande, á tarde. O céu vai-se ensombrando.
Uma infinita paz paira no ambiente quedo.
Agitam-se de leve as franças do arvoredado....
Alem, ouve-se a voz, dum remador cantando.

Á triste suggestão dessa hora triste cedo....
Olhando a immensidão que se vai constellando
vejo, ao longe, na sombra, andorinhas voando....
A escuridão estende o manto negro e tredo.

Uma canoa desce a corrente: Furtiva
assoma a lua, branca e terna. Evocativa,
ouve-se a voz do rio em tristonhas canções....

E elle evoca, talvez, essas eras distantes
quando para os sertões se iam os “bandeirantes”
na epopéa gloriosa e obscura das “monções”....

Medieval

Alta a lua no céu libra-se grande e bella.
No silencio da noite uma flauta suspira.
O céu todo estrellado e duma cor saphira
parece uma gloriosa e triumphal umbella.

O lago, em cujo seio o castello se mira,
imita, no sossego, uma formosa tela
que hábil pintor ali gravasse. Longe, a ourela
de um cerro galga o espaço e pelo céu se atira.

Suave perfume o bosque adormecido exhala.
Ha um cicio continuo, um canto prolongado
que num sonho feliz nosso espírito embala.

E o castello feudal sobre o lago pousado
banha-se no luar alvíssimo de opala
e abre, no alto, um vitral, como um olhar parado....

Cruzeiro antigo

No alto do morro erguida abria os longos braços
uma grosseira cruz de madeira que outrora
alguém plantara ali, dominando os espaços
e o sertão que se estende oito léguas a fora.

Quanta vez, perto della, os garimpeiros lassos
descansaram, á ardente, á meridiana hora!
Do verão os cruéis e affrontosos mormaços
e os temporaes do inverno ella os sentiu. Agora,

carcomida, tombou.... Ao passar, não a vendo,
eu me deixei ficar pensando amargurado
num passado que vai já desaparecendo,

porquê para o meu sonho era como si inteiro
o doce encanto bom dum remoto passado
arrastasse com sigo esse velho cruzeiro....

O passeio da Rainha

Semiramis, a loura, accorda e, ainda enervada
de somno, vem passear no terraço esplendente.
Sua pelle assemelha a rosa machucada,
lânguida, sensual, voluptuosa e indolente.

Uma túnica cor de amarantho, bordada,
mal lhe vela do corpo a graça surpreendente.
E ella vê Babylonia, a sumptuosa, prostrada
á seus pés.... Todo o fausto e riqueza do Oriente....

Jardins, torres, haréns, bosques verdes e lagos....
E a rainha chegando ao terraço, escancara
a janella do poente e ali fica, a sorrir,

lançando o doce olhar, cheio de anceios vagos,
para o Euphrates distante onde uma vela clara
espera vir o luar para poder partir....

Íris

É num fundo de parque, á hora morta da tarde,
O céu no lago azul se debruça sentido
e as nuvens são assim como algodão batido
que uma invisível mão no poente rubro carde.

Vagaroso, a pensar no meu amor perdido,
procuro a solidão, fujo ao mundano alarde,
e assim como quem, só, por outro ansioso aguarde
deixo-me ali ficar, já da magoa esquecido.

Em torno tudo é sombra e tudo é calma, quando
vem um raio de sol, o ultimo, e, num lampejo,
se inflecte sobre o lago um íris projectando.

Uma imagem cruel me acode: como essa água,
dorme a minha alma, sem esperança ou desejo,
mas vens.... E, ao teu olhar, revive a minha magoa.

Trilogia das horas

I

A HORA ROSA

Setembro. Eis a sação feliz de rizo e flores.
A primavera andou a disparzir em tudo
a alegria e do céu azul ao triste e mudo
ádyto da floresta ha festivos tumores.

O prado se vestiu dum manto de velludo;
rivalizam-se o mar e o céu nas suas cores.
No matinal concerto alígeros cantores
accordam a soidão do grande bosque rudo.

Viça, pelos jardins, a alegria das rosas.
Ás luzes da manhan, álacres e ruidosas,
avesinhas, ás mil, revoam, aos casaes....

E em quanto tudo ri, canta, viça e fulgura,
da primavera eu colho a flor mais bella e pura
nos teus lábios gentis, doces e virginaes.

A HORA PURPURA

Meio dia. Ha um torpor em toda a natureza,
um silencio profundo, um grande desalento.
Fulge, esplendido, o sol no alto do firmamento
sem nuvens, de uma estranha e lânguida belleza.

A luz desce, em caudaes, como a jorrar, violento,
salto d'água se espalha em toda a redondeza
e, á luz, refulge o valle e reverbera, accesa
em arco-íris, dum rio a água no curso lento.

Aves, dentre o sombrio e plácido arvoredado,
pipilam docemente e, lânguida e sentida,
uma voz de mulher vibra no ambiente quedo

e, naquella hora triste, aquella voz dorida
como que nos incute ao espírito, em segredo,
a anciã da Morte e o tédio infinito da Vida....

A HORA VIOLETA

Surge A primeira estrella.... Um tom brando e macio
de violeta e de cinza encobre o espaço de onde
desce a ultima luz do sol que já se esconde
no cabeço do monte escarpado e sombrio.

Começa a apparecer, por sob a verde fronde,
a estranha procissão dos lampeiros.... O rio,
indômito e feroz, selvático e bravio,
ruge como uma voz que, em plena selva, estronde.

Nas alamedas vão de braços, mão unidas,
pares a conversar — namorados, amantes —
presos de vago enleio amoroso e sensual....

E enquanto a Noite envolve as amplas avenidas
ha um sussurro de prece e beijos delirantes
na suave emoção da doce hora nupcial....

A Escalada

Intrépido, arrojado, o explorador procura
o alto galgar do monte abrupto. Quasi a meio
pára e contempla a enorme e desmedida altura
e lá em baixo, distante, a aldeia donde veio.

Não obstante sobe e sobe mais.... Escura
rasga-se a fauce má do hiante abysmo feio.
Mas brilha em seu olhar o entusiasmo, a bravura,
e não acha guarida em seu peito o receio.

Lá, no alto, é a Gloria. Lá, é a conquista do Sonho
ephemero e fugaz, mas querido e risonho....
E prossegue a escalada heróica.e destemida.

Mas, de repente, os pés falseiam-lhe e, rolando,
elle tomba, de pedra em pedra, agonizando....
O homem é o explorador.... A alta montanha é a Vida

Marinha

Mar. Calmaria. O dorso azul do grande Oceano
resplende á viva luz meridiana que o afaga.
Nem uma brisa o enruga e, todo liso e plano,
como que dorme.... O olhar, num surto, se divaga

pelo vasto painel do amplo mar soberano
Na orla azul do horizonte; ao longe; vê-se, vaga,
a forma de uma vela aberta a todo o panno,
em demanda, quiçá! de uma longínqua plaga.

Eil-o.... É o deserto de água, o liquido Sahara,
onde oásis nenhum de sombra se depara
á reverberação deste céu tropical....

E o sol — audaz pintor de marinhas — parece
que do Mar na ampla tela undívaga entretece
rendas de espuma e filigranas de coral....

Legenda

Vinham de muito longe aquelles sertanistas,
rompendo a selva espessa, a solidão bravia,
valle aberto em rechans, serra ouriçada em cristas,
rios e igarapés, sem descansar um dia.

Vinham de muito alem, em busca de conquistas
de índios e do ouro bom que nesta terra havia
e, destemido, o bando heróico de paulistas,
palmo a palmo, o sertão perigoso corria....

Traz dos coxiponés e do ouro e dos diamantes,
depois de muito esforço e lida foram dar
a Cuyabá, e, ali, os bravos bandeirantes

ergueram o arraial, entre as verdes collinas,
sendo governador o Conde de Assumar,
capitão general de São Paulo e das Minas.

A morte da luz

Vai a luz a morrer no triste firmamento.
Pranteia-a a doce voz dolorida das fontes;
chora-a. no seu dialecto enternecido, o vento,
choram-na ribeirões, estradas, rios, pontes.

A Noite triste, envolta em seu capuz cinzento,
assiste-lhe o morrer do píncaro dos montes
e, em quanto ella agoniza, a sombra, lento e lento,
enche o céu todo e a terra e os grandes horizontes.

E a luz morre. Abre o céu o sudário da treva
por sobre a solidão da matta que se eleva
como um dólmen gaulês, como um vetusto altar,

ou eça funeral de algum sombrio rito....
Quatro estrellas se vem accender no infinito
e chora sobre o esquife a tristeza do luar.

Musa consolatrix

Contempla esta alameda ensombrada onde as aves
trinam a esvoaçar entre os floridos ramos;
ouve-lhes o gorjear, os cânticos suaves....
A selva é como um templo ande nos prosternamos.

Deus falla pela voz do vento, em frases graves....
Attentos, a escutal-O, aqui nos concentramos....
Ha hymnarios de amor por entre as verdes naves,
pipilos de prazer e harmoniosos reclamos.

Ouve o rumor que faz a água a correr sonora,
a casquinar veloz, pela campina a fora;
sente o olor virginal dos lírios mal abertos....

Natureza! Só tu sabes lenir as dores.
e fazer vicejar todo um moital de flores
nos sombrios jardins dos corações desertos....

DO SONHO

J'adore l'indécis, les sons, les couleurs frêles, tout ce qui
tremble, ondule et frissone et chatoie, les cheveux et les
yeux, l'eau, les feuilles, la soie , et la spiritualité des
formes greles.

(A. Samain — DILECTION)

Nel mezzo del camin...

Si, quasi ao fim da vida ou della em meio,
permittido nos fosse reencetar-a,
percorrer novamente toda a escala
dos dias mil desse passado cheio;

recuperar a flor o viço e a gala
de quando desatou ao sol seu seio;
volver o rio á fonte donde veio,
em meio á matta virgem que trescala;

buscar a ave cansada o antigo ninho;
tornar o homem ás graças descuidadas
da infância doce, do primeiro lar, —

— soffrendo, embora, as urzes do caminho,
revivendo afflicções, magoas passadas,
quem não desejaria reencetar?

Mundo Interior

Na ampla sala deserta e illuminada
aberta para a noite mysteriosa,
para o doce silencio da explanada
onde se espalha a luz do luar medrosa,

eu, só, a alma tristonha, desolada
de se sentir tão só, tão desditosa,
vou contemplando a noite constellada,
na ampla sala deserta e silenciosa....

Ouçõ na aragem leve que perpassa
vozes de outrora e vejo na vidraça
visões dum doce sonho enganador....

E nas cousas reaes apenas vejo,
na incerta névoa fosca do desejo,
vagas visões dum mundo interior....

Estranho culto

Eu te amo, mas dum modo estranho, eu te amo
dum modo singular, incompreendido.
É um amor que entre lagrimas nascido
amor de dores e de sonhos chamo.

É este o amor pelo qual tenho vivido
e que em versos innumerados proclamo
nos estes da paixão em que me inflammo,
certo de que não sou correspondido.

Antes assim.... Que não me ames, querida....
O amor é tão trivial! Quero a ventura
de desejar-te apenas toda a vida,

e que ao partir deste exílio tristonho,
eu possa contemplar-te, bella e pura,
dentro do santuario do meu Sonho....

Maio

Aquelle par de alegres namorados
que ora viste passar cantarolando,
os olhos dum nos de outro, os braços dados,
e de dois em dois passos se beijando,

moços, bellos, gentis, despreocupados,
em plena selva, á grande luz, se amando,
sem pejo, sem receio, sem cuidados,
sua ventura a todos ostentando,

são os que melhor sabem desta vida
as delicias fruir, são os felizes....
Imitemol-os, pois, doce querida.

Maio chegou radiante e, prado em fora,
tudo ama e canta.... «Mas», tristonha dizes,
«e, depois, quando maio for se embora?»

A linguagem dos lenços

Como é cheia de encanto e de doçura
a linguagem dos lenços na partida,
a lembrarem, na triste despedida,
a esperança e a saudade de mistura!

Quem já sentiu a magoa dolorida
de uma separação acerba e dura
sabe que essa linguagem é a mais pura
e a mais triste linguagem conhecida.

Assim eu.... Lembra-me inda tudo aquilo:
a praia, ao sol, o rio azul, tranquillo,
e, na praia distante, em pranto, os meus....

E, ao partir, como o voar dum lindo bando
de aves do amor e da saudade, o brando
mover dos lenços a dizer-me adeus....

Saudade

Muitas vezes minha alma, em largo vôo
abrindo as azas, infinito a fora,
é como uma ave em plácido revôo,
rompendo o espaço quando nasce a aurora.

É assim quando o passado, a sós, remôo,
— esse passado tão distante agora —
e ao coração de corda em corda, echôo
todas as notas que vibrei outrora.

A saudade é uma viagem que fazemos
a outros céus, a outras terras, a outras vidas,
que nunca mais — pobres de nós — veremos.

E que bom esquecer a realidade
e, como uma águia da azas estendidas,
mergulhar no infinito da saudade!

A um relógio antigo

Pobre e velho relógio desprezado
que, a olhar humano esconso, ora dormitas
num velho cofre de madeira ao lado
de flores murchas, desbotadas fitas;

assim mudo, assim triste, assim parado,
evocas mil saudades infinitas
das bellas horas dum feliz passado
que tu marcaste em pulsações bem ditas....

O passado morreu.... E tu pensaste
que fôra um ironia inda marcares
novas horas depois das que marcaste.

Então paraste.... Ó meu relógio amigo,
porquê quando pensaste em te aquietares
não se aquietou o coração contigo?

Mystica

Num halo de pureza e de candura,
o teu suave rosto angelical
tinha uma doce e lânguida doçura
na vaga meia luz da Cathedral.

O teu sorriso feito de ternura
e o teu olhar bondoso e celestial
eram-me como a luz bondosa e pura
de uma esplendida aurora espiritual.

E eu via em ti como que um novo encanto
nunca sonhado e olhei-te tanto, tanto,
que, ainda mesmo ao sahir da Cathedral,

te trazia estampada na minha alma,
como a effigie bemdita, linda e calma
de uma Santa no fundo dum vitral....

Ignota Déa

A que eu amo, a que eu quero, a que eu procuro
e que, sozinha, me era o mundo inteiro,
que podia fazer doce e fagueiro
este viver que levo triste e obscuro,

a que tem no sorriso feiticeiro
o dom de abrir-me o mais feliz futuro,
a que podia ser, qual sempre a curio,
o meu primeiro amor e o derradeiro,

a que pudera dar-me, num momento,
a crença, a gloria, o amor, o esquecimento
de tudo o que soffri e soffrerei,

a mais bella, a mais pura, a mais querida,
não ha de nunca, em toda a sua vida,
saber que a amei, que a quiz, que a procurei....

A minha mãe

(numa ausência)

Quantas lembranças tuas! Cada objecto
me traz á idéa o teu desvelo amigo
e o teu amor, meu talisman dilecto,
nas horas de tristeza e de perigo.

Em tudo sinto o teu olhar discreto
e essa solicitude que de antigo
tempo me segue e o teu immenso affecto....
Ah! como és boa! intimamente digo.

Como sabes prever tudo! Por certo
tua alma generosa anda aqui perto,
vela por mim como velava outrora!

E julgo ouvir-te a voz me aconselhando
e cuido ver-te o olhar me acompanhando,
tal si ainda eu fosse uma criança agora.

Preito

Como chegando ao termo da romagem,
cansado, o viajante vai depor
aos pés da Santa, da formosa imagem,
os seus cultos, seus votos, seu amor;

como, depois da guerra, vem o pajem
os tropheus e lauréis de gloria pôr
aos pés da Dama e a sua vassalagem
lhe tributa, gentil venerador;

assim eu, minha Santa idolatrada,
venho trazer-te esta alma enamorada
desse teu todo lindo e encantador,

assim eu, pobre pajem que te adora,
venho aos teus pés, dulcíssima Senhora,
meus affectos e ideaes todos depor....

Castellan

Fosse na linda e clássica cidade
dos doges que surgísseis, de repente,
todos, admirados, certamente,
julgariam voltar á Media Edade.

Tendes no todo heril o ar imponente,
a graça antiga e a sóbria magestade
das castellans de que, ora, com saudade,
vemos fallar no insípido presente.

Ainda ha pouco, ao vos ver, imaginava
que éreis uma “duchessa” e me fazia
pajem e trovador que vos amava,

e, quando, ao luar divino de Veneza,
minha guitarra lânguida gemia
vós me acenáveis da janella accesa....

Querida

I

Bem sei que a mentirosa cortesia
que se encobre com a capa de decência
por hoje apenas nos permittiria
um pomposo e formal Vossa Excellencia.

Em todo o caso, se toleraria
a Senhora. Dahi fôra imprudência
descer no tratamento, pois seria
attrahir os reparos da assistência.

Nessas praxes, porem, bem transparece
a hypocrisia humana, pois, tivesse
alguém o dom de ler na alma escondida

e veria que aquelle tratamento
frio e cortez é apenas fingimento
e que eu só sei chamar-te de querida.

II

Querida, sim.... Querida, e assim defino
melhor o que tu es do que chamando
pelo teu doce nome pequenino
cujas sillabas vivo soletrando.

Querida, sim.... Querida.... O meu destino
fez me um dia te ver e desde quando
vi o teu meigo rosto venusino
eu vivo a te querer, sempre penando....

Querida, porquê todo o meu desejo
és tu e eu sinto, embora padecendo,
que sou muito feliz porque te vejo....

Querida, porque levo a minha vida
na magoa de te andar sempre querendo
e na ventura de te ver querida....

Perfil

Ella é mimosa, pequenina e leve
como tudo o que é leve, pequenino
e mimoso e meu verso não se atreve
a esboçar-lhe o perfil rafaelino.

Sua voz e suave como um trino
e seu sorriso esvoaçante deve
ser comparado a um lyrio convallino,
de pétalas alvíssimas de neve....

Para dizer da sua doce graça
— mixto de vôo e aroma penetrante —
não sei qual a expressão que mais se adapta,

si uma falena que, ligeira, esvoaça
ou uma flor que se entreabre, alva e odorante,
á beira d'água, num desvão de matta....

Fatalidade

Que te não ame mais? Fácil parece
isso, ao dizer.... Não sabes, certamente,
que o amor, querida, não está na gente....
Quem amou uma vez jamais esquece.

Si assim não fosse ha muito que esta ardente
paixão que no meu peito aumenta e cresce
teria suffocado.... Ah! si eu pudesse
te parecer bem frio e indifferente!

Já por muito o tentei.... Vejo que cada
dia que passa mais eu me convenço
que és mais bella e te sinto mais amada....

E ainda que me fizesses te odiar,
tamanho é o meu amor que, ás vezes, penso
que o ódio seria um modo de te amar.

A volta da Palestina

Ríspido o olhar, couraça larga ao peito,
nas mãos o gládio invicto de guerreiro,
o lábio, ás convulsões da raiva affeito,
sempre severo — assoma o cavalleiro.

Segue-lhe os passos pouco atraz, direito
e esguio, o forte e valido escudeiro,
levando a lança com aquelle jeito
com que soe conduzil-a o bom lanceiro.

O paladino volta da Cruzada,
traz os tropheus por láurea á Bem-Amada,
a esbelta solarenga branca e loura....

E, de longe, lhe avista o rosto bello
na gothica janella do castello
que o ultimo raio do poente doura.

Confidenciaes

I

Meu pobre coração hoje cansado
de sonhar tanto sonho não cumprido
apraz-lhe recordar o doce e amado
perfil dessas por quem tenho soffrido.

Olhos formosos dum fulgor velado,
lábios, fructo de outubro mal partido,
vossos olhares, que eram meu cuidado,
e vossos beijos porquê os hei perdido?

Mas eis que surges, bella e doce eleita,
formosa entre as formosas, de alma feita
de caricias, desejos é reclamamos....

Mas, eis que surges e o passado olvido,
pois nada tenho, meu amor, perdido
desde que te encontrei e nos amamos....

II

Como me lembra o antigo tempo, quando
mal nosso doce amor nascendo vinha
e eu não sentia ainda em te fitando
esta certeza de tu seres minha!

Via que o teu olhar em se pousando
no meu, não sei que luz do céu continha
e sentia uma dor me torturando
nesta incerteza de tu seres minha.

Via que, ao me fitares, tu sorrias
de não sei que ineffáveis alegrias
e a imaginal-o sempre me detinha,

sem saber que, a esse tempo tão distante,
já era meu teu coração amante,
toda a tua alma pura já era minha.

III

Os teus olhos velados de ternura,
ó doce santa do meu coração!
têm tal encanto, têm tal expressão,
quando os pousas em mim, toda brandura,

nessas horas de êxtase, que são
as melhores da vida áspera e dura,
que eu sinto em mim não sei que dor obscura
e que íntimos desejos de perdão....

Perdão de não te haver buscado outrora,
de não ter sido sempre devotado
ao teu culto, dulcíssima senhora,

perdão de só te amar tarde, talvez,
e me sinto pequeno, acabrunhado
de tão feliz que o teu amor me fez....

DA ARTE

**LAVÔRES
ILLUMINURAS**

Sculpte, lime, cisele; que ton rêve flottant se scelle dans
le bloc résistant.
(*Gauthier* — L'ART)

LAVÔRES

Ode á Arte

Arte immortal, perenne e eterno fluido
que promanas de fontes mysteriosas,
os teus louvores nestes rudes versos
a cantar me proponho.

És tu que, desde as épocas primevas,
nessa lenta ascensão da humanidade
para o progresso e a perfeição suprema
nos guias e confortas.

Arte, consoladora e doce amiga,
que de mil formas a minha alma encantas,
e que da vida no árido deserto
abres risonho oásis,

tu és a eterna deusa, o eterno nume,
quer Athene te chames, quer Minerva,
quer na florida Hellade te adorem,
quer no Lácio glorioso.

Estruja os ares épica fanfarra
ou, doce, no silencio, chore a avena,
és sempre a mesma, em rythmos variados,
em multiplices formas.

Envolve-te, num halo, a espádua nua
a loura coma e em teu olhar espreite
o gênio da Victoria, á mão sustendo
o flammivomo gládio,

e em teu olhar sinte eu passar os bellos
e fulgidos relâmpagos de gloria
que nas antigas citadellas guiavam
os illicos guerreiros.

ou de outro aspecto calmo, te revistas,
grácil e puro, cheio da belleza
feminil, que não tem marciaes ardores
mas um suave encanto,

e exsurjas, radiosa e triumphante,
da equorea espuma que a alvorada tinge,
como Aphrodite as formas ostentando
do seu corpo divino,

quer na festiva embriaguez das praças
as multidões te acclamem desvairadas,
quer do Pantheon na meia luz saudosa
meus olhos te descubram,

és sempre a Arte, a eterna suggestiva
da Belleza por quem nossa alma anseia
nesse anhelos sublime, indefinido,
que em nosso imo palpita.

És sempre a Arte, quer no mármore branco
do estatuário o escopro te modele,
quer vibres nas esplendidas estrophes
de um poema parnasiano...

POESIAS

És sempre a Arte divina, quer refuljas
no perystilo de um palácio antigo,
ou nos vitraes dum templo ou das pyramides
que a areia adusta beija.

Seja o céu que te envolva o céu sombrio
dessas regiões phantasticas do Norte
ou seja o lindo céu vivido e claro
do azul Mediterrâneo;

abriguem-te em seus muros as immensas
cathedraes byzantinas ou medievas,
onde um sol melancólico se cõa
através das ogivas,

ou durmas, entre a lânguida doçura
dos sombrios castellos silenciosos
que, das tílias á sombra merencórea,
o velho Rheno embala,

ou, ainda, do sol da bella Itália
beijem-te os raios, numa galeria
de museu ou num tépido villino
sossegado e dormente...

E, assim, não reconheces os limites
convencionaes de pátria: o mundo inteiro
por pátria tens e em toda a parte existes,
ó Arte immorredoura!

JOSÉ DE MESQUITA

Acima das pequenas contingências
que nós, míseros seres, veneramos,
pairas, com a solemne affirmativa
desse algo mais que humano.

E passam como as ondas, como as nuvens,
as gerações, os povos e as idades,
e tu, sempre grandiosa, imperecível,
subsistes no teu sólio...

Pouco importa que os Bárbaros te insultem,
buscando nodoar o teu renome....
Vingas-te, revivendo, victoriosa,
em novas Renascenças,

e, impassível, serena, a tua effigie
surge consoladora aos nossos olhos,
a chlamide cruzada, o olhar sereno,
e o sorriso divino.

Ó Arte, eu que te adoro e te venero,
quer Esthetica ou Rythmo te chames,
quer em luz, quer em forma ou harmonia
meus sentidos affectes,

propus-me, na rudeza destes versos,
a cantar teus louvores sempiternos,
mas não o pude, e nesse caso, baste-me
este prazer de amar-te.

Musica

Musica.... Som que accordas
o silencio da dor,
no rythmo dos arcos e das cordas
suave e evocador

Dialecto da saudade
enternecido, mysterioso e triste,
Tu lazés entender a vaga afinidade
de tudo quanto existe.

És tu que nos infundes, doce e calma,
o prazer de ser triste e a gloria de ser bom.
O som é a linguagem da alma....
A alma foi feita p'ra entender o som.

Quem dirá dessa incógnita magia
que nos invade o coração tristonho
como a suave nostalgia
de alguma terra vista em sonho,

quando vemos, á noite, num teclado
qualquer,
correr, ao leve luar prateado,
a caricia de uns dedos de mulher?

E isto que ora me evoca o violino?
Século dezeseis ou dezessete.
Uma marquesa de rostinho pequenino
dançando o minuete.

E as emoções que me desperta
o choro do violão
quando, na grande noite deserta,
conta tudo o que soffre um coração?

Si da guitarra, em vez, o som escuto
porque é que, incontinenti,
capa traçada ao hombro, ar resolutivo,
vejo D. Juan passar ligeiramente?

E que direi daquella
voz de magoa sentida e de enlevo sem fim
que lembra o Rialto, quando o céu se estrella,
— a voz do bandolim?

E a flauta, essa nostálgica? Exilada
da vida antiga, nella chora
a alma livre de Pan encarcerada,
que já não corre empós de Syrinx como outrora.

Ainda por vezes erra
nas notas della uma das velhas illusões:
cuida que esta marcando, antes da guerra,
a cadenciada marcha das legiões....

Suas irmans no seu destino triste,
— a harpa, já não suspira
nos coros da Tragédia, nem assiste
aos festins de Caprea e de Baia a lyra.

POESIAS

Mas eis que o orgam dolente soa,
— voz do silencio, alma da solidão,
que evoca as cathedraes medievas onde echôa
a tristeza do canto-chão.

O orgam é o preferido
das almas doces dos contemplativos,
mystico, seduzido
pelos tristes e lânguidos motivos

Num contraste sublime,
vibra a nota encarnada e ardente de um clarim,
contraste que na cor assim se exprime:
rubro raio rasgando um céu de azul cetim.

Quero a gamma da musica
inteira, o som inteiro,
desde a viola tremula, em surdina,
até a epilepsia do pandeiro.

Musica, tu és a única evocadora
que não precisa de outra evocação,
a arte completa.... A vida sem ti fôra
sem expressão.

Quanta cousa revelas num harpejo!
Tudo resumes, soberana Arte,
desde a delicia do primeiro beijo
até o adeus do ultimo olhar que parte....

JOSÉ DE MESQUITA

Como o passado em tuas notas falla,
nessas valsas de vinte ou trinta annos talvez,
que os nossos paes dançaram numa sala
em que se viram a primeira vez!

Quem não conhece a musica das águas
e a do vento sentida como um choro
cheio de estranhas magoas?
Quem nunca ouviu a voz do silencio sonoro?

Ha musica em cada uma
vibração, seja da alma ou da matéria. Assim
ha rythmo na vaga a abrir-se em branca espuma
e no desabrochar dum calix de jasmim.

Ha uma canção azul no céu, antes do dia,
linda como um desejo adolescente,
e uma outra cheia de melancolia
no céu poente.

A paisagem é um canto. O dia é um hymno:
partitura do céu, inda incerto a clarear,
vivíssimo do azul, á hora do sol á pino,
smorzando da luz crepuscular....

Trêmulos de água ao luar, cheia de vagos frisos....
Serenatas de velas no mar largo
Até as serpes têm a musica dos guizos.
Só o paul é sempre abandono e lethargo.

Nada
é mudo sob o céu.... Tudo-aza, chilro, flor,
traduz uma emoção contida ou extravasada.
A alma tem a musica do amor.

Musica, tu, por certo,
és a melhor amiga,
que nos embala o berço, e longe ou perto,
nos cerra os olhos cheios de fadiga....

Lembro-me que, um dia,
pequenino que eu era, ao lado meu, alguém
me embalava a cantar quando eu dormia....
Ai! hoje não me embala mais ninguém!

Mas, me ficou daquelle tempo antigo
pela musica um culto
tão grande que trazel-o não consigo
occulto.

E amo-a tanto que a pena mais doida
que tenho de deixar a vida é não poder
alem da vida,
quando morrer,

ouvir ainda o eco plangente e fundo
do canto-chão funéreo
que, como o ultimo rythmo do Mundo,
ha de levar-me para o cemitério....

Plenilúnio

Noite estival clara e formosa.
Da lua á meiga luz saudosa,
sentimental,
despertam ancias mil discretas
na alma emotiva dos Poetas
que amam o ideal....

Na solidão do céu dormente
o plenilúnio lactescente
abre-se em flor....
É nestas horas que a Saudade
atinge toda a imensidade
da sua dor.

A alma, absorta, foge e voa
pelo infinito espaço, atóa,
foge, veloz
como, perdida no ar, uma ave,
ou qual desarvorada nave,
no espaço, a sós....

A lua se ergue linda e calma,
— cysne do azul, de alva aza espalma
a fluctuar
nas ondas desse mar sem praias
a que jamais mediu as raias
o humano olhar.

Lua — princesa peregrina
que anda exilada na campina
do céu sem fim,
hóstia da Paz, flor do Infinito,
com que saudade e amor te fito
em noite assim!

Amo-te tanto, ó lua, e creio
que a doce luz que no meu seio
vens esparzir
é a luz dum mundo onde, algum dia,
vivi no seio da alegria
sempre a sorrir,

e que, depois que a trêda morte
do meu viver o fio corte
minha alma irá
viver em ti, lua querida,
e continuar o sonho e a vida
no espaço, lá...

Ás vezes cuido que tens alma
tal como a tenho, triste e calma,
e que a soffrer
vives também, tal como vivo,
em vão buscando um lenitivo
ao padecer.

Faço-te minha confidente
é a ti confio, a ti somente,
a aspiração
que vive dentro do meu seio
e este infinito e eterno aneio
do coração....

Ó lua, irman dos infelizes,
remédio ás fundas cicatrizes
do agro penar,
deus dos sem fé, ouro dos pobres,
quanta miséria e sonho encobres,
sem o pensar!

Amam-te os poetas sonhadores
que esperam pelos seus amores
que nunca vêm,
amam-te os ricos de ventura
e os que, numa pocilga escura
nem o pão têm,

amam-te os loucos que da grade
te vêm surgir na majestade
da tua luz,
e os cães a uivar, a lua cheia,
e os pescadores que a sereia
no mar seduz,

amam-te as feras e as crianças,
as cobras más e as pombas mansas,
o sapo e a flor,
e quando te ergues nas collinas
as cortezans e as meninas
pensam no amor.

Lua serena, lua calma,
Tu debes ter por certo uma alma
bem infeliz,
a alma de quem occulta as penas
debaixo das feições serenas,
calmas, gentis.

E é bem por isso, ó doce lua,
que quando sobre a terra nua
te vejo assim.
parece que tu me comprehendes
e que somente tu entendes
o que ha em mim.

Lua, discreta confidente
das magoas intimas que a gente
vive a occultar,
bemdicta sejas, lua calma,
por todo o bem que na minha alma
vens espalhar!...

Cousas antigas

Eu amo immensamente essas cousas antigas
que tem o ar grave e bom das pessoas amigas.
E ellas me amam também... Sentindo-as ao meu lado,
vejo nellas viver e fallar-me o passado.
Relíquias em que dorme a lembrança saudosa
de um querido ancestral, de alguma avó bondosa,
essas cousas, por certo, hão de saber, inteiras,
as nossas tradicções.... Ouviram, nas lareiras
os antigos contar aos mais novos a historia
de que guardam, talvez, bem nítida memória.

Dorme nellas assim todo um longo passado!
Quantas scenas de amor tem ellas presenciado!
Quantas magoas também! Terras distantes viram.
Que de vezes sem fim ellas não pressentiram
um sorriso feliz num lábio cor de rosa
ou lagrimas rolando em face silenciosa!
Têm, como o céu e o mar, um segredo que occultam.
E ao vel-as na minha alma as saudades avultam...
Cousas antigas! O que nellas leio e vejo!
E o que me evocam á Saudade e ao Desejo!

Si esta velha moldura, este livro, este pente
fallassem como nós, os homens, certamente
doce ouvir-lhes seria as fallas mysteriosas.
O pente: Tranças de ouro, esplendias, formosas,
onde agora occultaes a vossa refulgência?
O livro. Ai! nunca mais, em horas de indolência,
senti folhearem-me essas mãos acariciantes!
A moldura: Onde estaes lampejos irisantes
de crystaes, flores, riso, esplendores de gala,
vozes que, outrora, á noite, enchiam a ampla sala?

Si soubessem fallar! Mas ellas fallam....Quantas recordações gentis, reminiscências tantas lhes tenho ouvido, a sós, no intimo de minha alma! É por isso que eu amo, em meio á noite calma, com ellas conversar, como num sonho absorto, revivendo a illusão desse passado, morto.... Para quem as comprehende é uma felicidade, fazer ressuscitar, numa suave saudade, tudo o que o tempo encobre em sua cinza fria e que revive á nossa ardente fantasia!

Um velho móvel tem muito mais eloquência que os compêndios da fria e árida sciencia; um antigo papel guarda em sua leitura toda a recordação de uma vida obscura.... E nesse ar de tristeza e magoa que lhes vemos, nós — homens fúteis e vazios — aprendermos esta grande licção de alcance alto e profundo de que tudo é illusão e vaidade no mundo. Por isso é que eu adoro essas causas antigas que têm o ar grave e bom das pessoas amigas.

Fim de anno

Eis que volve o Natal reverdecendo os campos,
Polindo o ouro do Sol e a prata do luar,
Lustrando o esmalte azul dos grandes céus escampos,
Soltando aves, ás mil, na ampla gaiola do ar.

Eis que volve o Natal e a floresta que o sente
palpita como um seio á chegada do amor
e da mata se exhala inebriadoramente
o aroma virginal das arvores em flor.

Eis que volve o Natal ... Borboletas aos pares,
andam a revoar, annunciando o Natal.
Pelas sombras da tarde ha lânguidos cantares,
Na doce evocação dessa hora vesperal.

Os bogaris agora exhalam mais perfumes
e a sombra é mais suave ao triste entardecer;
rivalisam-se, á noite, astros e vagalumes
e não é raro ouvir-se o silencio gemer....

Ha pela natureza um vago mysticismo,
como um sonho divino e lânguido a eclodir
e, na tarde suave, alheio a tudo, scismo
em mil cousas subtis que nem sei definir.

POESIAS

Fim de anno ... Qualquer cousa em nós como que finda,
Como que no passado algo de nós se esfaz ...
E, na suavização da tarde rósea e linda,
desce um grande silencio, uma infinita paz.

Não raro, immerso, assim, nesta calma eu me lembro
da Attica linda e rósea, aos beijos da manhan,
e chego a imaginar que este nosso dezembro
é um mez grego e pertence á poesia pagan.

Sinto, porem, depois, que em dezembro me agrada
mais essa doce unção de sonho espiritual
que lhe vem do mystério e da graça enlevada
dos motivos christãos das festas do Natal

Evóco as lendas mil do Rheno, sob a neve,
o vento a esfusiar por entre os pinheiraes,
e a capellinha, no alto, onde um som doce e leve
de sino accorda a noite em cantos celestiaes,

evoco esses serões tranquillos de família,
em redor da lareira a crepitar e a arder,
as crianças sorrindo, a alegrar a vigília,
esperando *Pápá Noel* apparecer ...

Tudo o que de doçura e de encanto infinito
esta noite nos traz á nossa evocação
sinto accordar em mim, como um poema escripto
sem letras, só com alma, affecto e coração

JOSÉ DE MESQUITA

Natal.... Por certo que és a festa da Saudade,
a mais doce que existe, a mais humana enfim.
Reconheço-o ao sentir toda a suavidade
que fazes accordar, vibrar dentro de mim.

És a festa dos bons, dos simples, a mais linda
de quantas commemora o ritual christão
porque a ti se associa essa emoção infinda
dum habito ancestral que vem da tradicção.

A alma humana infeliz abre um claro de sonho,
de esperança e de fé, de ineffavel prazer,
neste dia em que o céu esplende, amplo e risonho,
tal como si de novo um Deus fosse nascer....

Natal.... Um sino canta. Abrem-se flores.... Passa
uma brisa suave a trescalar jasmim....
E, na tarde serena ,e espiritual, a graça
de um sonho grande e bom se abre dentro de mim.

Sonho um dia melhor, em que o homem, já olvidado
da desgraça, da dor e do netando mal,
verá realizar-se o sonho desejado:
— da Concórdia e da Paz o esplendido Natal....

Outono

I

Pela quietude plácida da tarde
apraz-me olhar o céu da cor de leite
que, para o ocaso: em pyras rubras arde.

Lembra-me a tarde assim, sem um enfeite,
linda e casta, uma cândida donzella
que encanta a quem o olhar sobre ella deite.

O céu de astros brilhantes se constella.
Ha um suave rumor pelos espaços
e a calma limpidez duma aquarella

na paisagem dormente que de braços
tons de luar se veste, em quanto, longe,
arvores movem lentamente os braços

e um sino reza — solitário monge....

II

O bulício da brisa na folhagem
tem para esta minha alma sonhadora
uma expressão e é quasi uma linguagem.

Voz intima que vem, consoladora,
como uma voz amiga, na tristeza
desta hora suave e evocadora,

me aviventar uma lembrança presa
a outras lembranças, que ignoradamente,
viviam na minha alma com certeza.

Avulta, cresce, espalha-se no ambiente
a sombra e avulta e cresce esta saudade
que me tortura tão suavemente

que eu nem sei si é prazer ou acerbidade.

III

Folhas que o vento arranca e que, amarellas,
ides, sêccas, com o vento, no abandono
lembrando as vossas arvores tão bellas,

folhas que voaes no espaço, pelo outono,
como vós, quem me dera em valle amigo,
dormir um grande e descansado somno!

Mas nem no somno mesmo a paz consigo,
a paz, o esquecimento que procuro
debalde, pois a dor vive comigo!

POESIAS

Que bom, á sombra de um jardim escuro,
dormir um grande somno descansado,
sem pensar no imprevisto do futuro

nem lembrar as delicias do passado!

IV

Mas quem pode viver sem a lembrança,
si ella é tão, necessária á nossa vida
como o amor, os desejos e a esperança?

Si soffre quem se lembra, quem olvida
deve ainda mais soffrer, que o esquecimento
é, entre as dores, a dor mais dolorida.

Folhas seccas voae.... Bemdito o vento,
o bom vento de Deus que vos recorda
o passado, no vosso isolamento!

Ou, pelo bosque ou na florida borda
do lago, venha o vento sussurrando,
como uma voz que a solidão acorda,

todo o vosso passado recordando....

JOSÉ DE MESQUITA

V

Dormir no fundo valle só, sem nada
do que se foi lembrar, como é doído!
Folhas que o vento leva, em revoada,

vossa triste linguagem, commovido,
eu a entendo, porque também, um dia,
da arvore amiga um vento desabrido

me arrancou.... Longe, immensa nostalgia
me punge, cada vez que esta minha alma
escuta a sentidissima elegia

das folhas sêccas pela tarde calma....
O ouro vivo do poente já se encarde....
E a minha dor como que então se acalma
pela quietude plácida da tarde....

Louvor do Ouro

Ouro, régio metal heráldico e esplendente,
no meu plectro, em canções, tuas glórias revivo
e anseio por lhes dar o teu fulgor ardente
que me attrae, como attrae a alma dum primitivo.

E me torturo e esgotto as torças todas na anciã
de lhes dar o teu vivo e esplendido lampejo
e emprestar-lhes a doce e límpida sonância
do ouro a cahir sobre ouro é o meu maior desejo.

Ha neste meu amor o desejo intranquillo
que creou no passado a religião e os deuses,
o culto do mysterio e da belleza, aquillo
que accordava a alma grega entre os festins de Eleusis....

Tu me prendes assim como a um bárbaro antigo
prendia e fascinava o lindo sol nascente.
És a cor da manhan e das searas de trigo,
do Cós, do amor, da gloria e do desejo ardente.

E me evocas assim as cousas mais dispareas:
— gloria, uma ondulação de couraças de guerra;
— amor, um talisman dado a trocar olhares;
— natureza, áureo sol nascendo atraz da serra;

— gozo, uma aurilavrada, artística, luzente
taça, cheia de Kypre espumejante e louro;
— desejo, uma visão gentil de adolescente
de olhos da cor do céu e cabelleira de ouro;

— arte, fino lavor de ourives e que apenas
visto toda a attencção nos prende e nos enleva;
— mysticismo, um fulgor de hostiários e patenas
na doce meia luz de cathedral medieva.

Tens para mim a força e o encanto que fascina
e te sinto irradiar fulguração tamanha
como uma obsessão, ao fundo da retina,
que imagino soffrer uma neurose estranha.

Amo-te em tudo, em tudo a tua cor descubro,
e me extasio a ver-te e a contemplar-te, mudo,
seja o ouro sem igual dum pôr de sol de outubro,
seja o ouro dum collar, dum missal, dum escudo.

Por isso é que eu adoro o crysanthemo, aquella
flor da aristocracia, em seu radiante louro,
e entre as aves prefiro o canário, a mais bella
das aves, cuja cor e cuja voz são de ouro.

Ouro da areia fina, onde entra docemente
o ouro fulvo do sol num finíssimo crivo,
ouro da água, onde a luz, fugitiva e tremente,
a tremer e a fugir põe um lampejo esquivo.

Ouro, desde que tempo os homens acompanhas,
de que passado escuro emerge o teu renome?
Sempre a se deparar nas lendas mais estranhas,
na noite do passado a tua historia some.

Andas sempre onde existe ambição ou vaidade,
nas bodas, nos festins, na morte e na victoria.
Symbolisas a força, a vida, a mocidade,
a riqueza, o poder, a formosura e a gloria.

Só para te encontrar quanta tragédia obscura!
Só para te possuir quanto drama ignorado!
Tal é a fascinação que sobre a creatura
exerce a tua luz de sol crystalisado....

O teu brilho levou, mares em fora, os nautas
e, através dos sertões, bandeirantes famosos,
como á Colchida, outrora, os fortes argonautas
atravessando os grandes mares tenebrosos.

É por isso que te amo e na retina trago
tua visão em tudo aquillo que suggeres,
quer brilhes numa estrella, ao fundo azul de um lago,
quer scintilles na cor da pelle das mulheres....

Sésta

Quando o sol é mais ardente
e, no espaço sossegado,
com um hálito afogueado
sobem nuvens de calor
e o rio abranda a corrente,
qual si o vencesse a fadiga
e vem de longe a cantiga
tristonha do remador;

quando na estrada que, adiante,
se estende alem da porteira,
ninguém transita e a soalheira
parece tudo matar,
cresta o capim verdejante,
entontece os passarinhos,
sécca os veios ribeirinhos,
e tira as cobras do algar;

quando nem leve bafejo
de doce aragem perpassa
e, lenta, sobe a fumaça
das palhoças para o céu
e o moscardo do desejo
aguilhoa o pensamento
que se arrasta muito lento
de idéa em idéa, ao léu;

é então que, ouvindo o zizio
das cigarras no cerrado,
monótono e prolongado
e surdo e estranho rumor,
do arvoredado ao sol do estio
— fructo que estala ou se fende,
ou folha que se desprende
ou lento cair de flor,

todo esse rumor da matta
e mais as vozes das aves
que, dentre os frouxeis suaves
dos ninhos, fogem á luz,
e o modorrar da cascata
e de vez em quando, a longa
grita de alguma araponga
sob os grandes céus azuis,

e a voz da seiva que estúa,
fazendo um doce barulho
commum nas tardes de julho,
quando começa o verão
e que ouvireis si, á luz crua
do sol, ouvidos prestades
á voz da selva nas tardes
desta calmosa estação,

é, então, que, linda e faceira,
a sertaneja descalça
desce ao rio e atraz da balsa
vai banhar-se alegre, a rir,

e é tão bonita a brejeira
que a própria água estremece
quando o seu corpo apparece
das ondas a se emergir....

Na varanda, entanto, agora,
a sertaneja mimosa
arma a rede alva e cheirosa
entre dois grossos morões
e, para que o sol de fora
não entre, põe um toldado
no parapeito adornado
de pés de manjeriões.

E docemente se embala,
toda singela e bonita,
no seu vestido de chita
que vestiu pela manhan ...
Ouve-se o piano na sala,
muito lânguido e pausado,
o velho piano tocado
pela sua linda irman.

O crivo que ella trouxera
no urú, repousa indolente
no chão.... Monotonamente
chia a rede no armador.
Lá fora o sol reverbera,
no entretanto a luz se abranda
ali dentro da varanda,
num pallido mortecôr.

E vencida pelo somno
e pelo molle balanço,
cerca as pálpebras de manso
e eil-a agora a resomnar.
No descuidado abandono
arfam-lhe os seios pequenos
e um dos pesinhos morenos
fica suspenso no ar....

Tal no terreiro, á luz viva,
vê se a languê dormideira,
abatida da soalheira,
cerrar as folhas e a flor....
Assim, na rede, lasciva,
dorme a linda sertaneja....
Um riso em seu lábio adeja.
Talvez, um sonho de amor....

E, no silencio de entorno,
na solidão da floresta,
ha uma dormência de sesta,
uma frouxa lassidão....
O ambiente é parado e morno.
O calor pesa e fadiga....
E uma tristonha cantiga
quebra, ao longe, a solidão....

Epopéa

Lavra por todo o orbe o incêndio das batalhas
flammivomo e voraz.
Tudo rue e se esfaz por onde, ó guerra, espalhas
tuas azas fataes.

Ardem, no rubro poente, em vivo sangue accesas,
fogueiras colossaes,
cidades, povoações, castellos, fortalezas
e torreões medievaes....

Rios que, outrora, á flor das águas tão serenas
levavam os casaes
para os idyllios, hoje arrastam, ás centenas
tristes fardos mortaes.

Campos férteis ha pouco a sorrir, na alegria
das vinhas e trigaes,
hoje, nus, só lhes nasce a floresta sombria
das cruces funeraes....

E cada cruz ali, no cêro ou na baixada,
ás sombras vesperaes,
assignala uma vida humana terminada
entre doridos ais.

É a flor da geração que ali succumbe, em meio
aos obuses mortaes
que dizimam sem dó, sem trégua e sem receio,
vidas, sonhos, ideaes.

POESIAS

É o porvir, a sciencia, a arte, tudo immolado
em preto ás internaes
Eumenides da guerra, aos ódios do passado
e ás ambições actuaes.

Disfarcem-no, contudo, em nobres, bellas phrases,
não poderão jamais
encobrir todo o horror que, ó guerra, aos homens trazes
nos teus lances marciaes....

Dêm-te, embora, o clangor épico e suggestivo
com que a muitos attraes,
palpitam dentro em nós, como um protesto vivo,
revoltas colossaes

contra o excidio cruel, contra a estúpida forma
e os ímpetos brutaes
com que o civilizado agora se transforma
em rudes cannibaes....

Século vinte, a luz que de ti se irradia,
entre clarões theatraes,
é a apotheose do sangue e da selvageria
em que o homem se compraz !

E a epopéa a que, agora, assistimos, transidos
de commoções mortaes
é o suicídio da raça, aos trágicos gemidos.
das convulsões finaes!

JOSÉ DE MESQUITA

Tempestade

O céu é todo azul, da cor etherea
de uns lindos olhos ou de uns mansos lagos,
infectando-se em tons macios, vagos
sobre a esmeralda límpida do mar.
Nos longes do horizonte cor de perola
uma vela alva e nítida apparece,
e é um ponto branco que, a fugir, decresce,
na áurea trama da viva luz solar.

Ha uma dormência no ar sereno e lúcido.
Nem um gazillo de ave, nem um trino
desfaz esse silencio. O sol a pino,
irradia o seu máximo esplendor.
Invade a natureza ardente e cálida
suave lassidão que ao somno incita.
Nem um rumor a solidão agita....
Baila no ar o perfume — alma da flor....

Abrindo as azas o tufão, de súbito,
varre a face do mar, do céu a face.
Um lampejo se vê brilhar fugace
e outro mais.... É o relâmpago nos céus
Turva-se o anil.... Nuvens de cores tétricas
accumulam-se e os ares atroando
eis que o trovão echôa formidando
tal como a voz dos grandes Briareus.

Levanta o oceano os vagalhões, na fúria
da tempestade, como si o seu fito
fosse escalar as plagas do infinito
para impedir o caminhar dos soes.
E ai! passada a borrasca rude e trágica,
quem a sorte dirá da pobre vela,
sorpresa no mar pela procella,
no vasto oceano inteiramente a sós?

A vida é como o mar.... Nas ondas tremulas
vai uma vela plácida singrando....
Precede-a de illusões fagueiro bando,
segue-a a turma dos sonhos juvenis.
Cantam-lhe em derredor — sereias mágicas —
a Mocidade, o Amor, a Gloria, a Crença.
E o mar azul de uma doçura immensa
reflecte o lindo céu no seu matiz.

Mas, um dia, lá vem o sopro lúgubre
da tempestade.... O mal, o ódio, a desdita
estendem sobre o pélago a maldita
aza torva da negra solidão....
Dize-me, existe, por ventura, um páramo
onde, durante a fera tempestade,
o céu conserve a mesma claridade,
e a mesma doce calma do verão?

Hellade

Tenho uma alma de rude primitivo
cheia da nostalgia do passado
e no presente a contragosto vivo
como um pobre exilado.

Estas cousas presentes que aos de agora
tamanho gosto e encantamento trazem
aos meus olhos, tão cheios das doutrora,
nenhum effeito fazem.

Elles — coitados! vêm diversamente
do que o geral dos homens desta idade
que, entregues ao egoísmo do presente,
ignoram a saudade.

Phenomeno, talvez, desse atavismo
a que furtar-se ninguém pode, sinto,
quando sozinho no passado scismo,
viver um mundo extincto.

Vejo a Grescia risonha illuminada
da viva luz do sol daquellas eras,
como uma doce Virgem coroada
de pampanos e de heras.

POESIAS

Vejo Athenas, a linda, refulgindo
nos mármore dos templos majestosos,
a Acrópole, o Pireu e o bosque lindo
dos plátanos viçosos.

Ao largo, o mar azul onde se cruzam
barcos de vela longos e ligeiros,
cheios de homens diversos e que accusam
costumes estrangeiros.

e as triremes de formas sumptuosas,
hieráticas e graves, todas cheias
de escravas e de egypcias formosas
quaes lúbricas sereias....

Longe as velas se perdem na distancia
azul do mar, que, ao grande sol, lampeja.
E vem do bosque a tépida fragrância,
das flores de cereja.

Á tarde o céu se tinge docemente
dos leves tons macios das celagens
e a sombra desce e absorve lentamente
o matiz das paisagens.

A ultima vela que ficara ao largo
entra. Uma estrella abre a pupilla accesa.
O mar se acalma e um plácido lethargo
invade a natureza.

JOSÉ DE MESQUITA

Geme uma flauta umas canções dolentes,
enquanto, pelas sombras mysteriosas,
passam lindos perfis de adolescentes
entre os moitães de rosas....

Ephebos, de glycinias corôada
a frente, que o luar nascente doura
e virgens seminuas, desnastrada
ao vento a coma loura....

Sábios, pelos jardins da Academia,
discutem as questões mais elevadas,
mas eis que vêm passar uma theoria
de bachantes rosadas

e a Belleza os empolga inteiramente
e eil-os que a seguem. Nada mais exigem....
A Hellade divina é certamente
o meu paiz de origem....

Nossa Senhora do Bom Despacho

Lá na encosta virente de um outeiro
dessa cidadezinha em que nasci,
com um ar repousado de mosteiro
ha muito tempo levantado ali,

o Seminário abre as janellas, vasto
e silencioso, nessa solidão,
como um asceta solitário e casto
que ali buscasse abrigo á tentação.

É um casarão daquelle velho estylo
que hoje pouco se vê pela cidade,
rude, pesado, plácido e tranquillo
como as almas dos homens de outra idade.

Em torno a paz das cousas recolhidas
e, dentro, a calma de um recolhimento,
que evoca as doces, silenciosas vidas
escoadas num claustro de convento.

Quando criança, sempre tive um certo
respeito misturado de temor
por esse velho casarão deserto,
e, muita vez, no vasto corredor,

ouvindo tilintar a campainha,
cuidava que nos vinha receber
um frei guardião de barba á capuchinha,
como os das lendas que eu andava a ler.

Velho edificio.... Pouca gente entende
a alma das velhas casas silenciosas,
á hora em que o lampião grande se accende
nas amplas salas ermas e saudosas....

Ainda hoje, por vezes, revivesse
essa estranha emoção que á alma me vinha
e — tão longe que estou — ainda parece
ver me subindo a agreste ladeirinha,

e ainda revejo a carcomida escada,
(havia uma pequena e outra maior)
e, ao lado, a grande e rústica explanada
e arvoredos e sombras em redor....

No alto do outeiro, branca e pequenina,
a capellinha plácida sorri....
Do seu throno de pedra ella domina
toda a cidadezinha em que nasci.

A capellinha empresta a tudo aquillo
um ar de graça e de poesia infinda.
Dir-se-hia que o céu azul, tranquillo,
tem ciúmes de vel-a assim tão linda....

POESIAS

Ha quanto tempo a velha capellinha
olha a cidade a se espalhar lá embaixo
e o murmúrio das águas da Prainha
embala o somno ao velho Bom Despacho!

Contam que ainda o povoado começava
quando um velho de santa devoção
no morro, cheio de urze e urtiga brava,
ergueu a doce casa da oração.

E Cuyabá nascia, entre as collinas
que a circundam de um viride collar,
banhada pelas águas crystalinas
onde o seu lindo céu vem se espelhar....

E desde então, ó capellinha! Existes
e acompanhaste, idade por idade,
dias alegres e momentos tristes,
toda a vida agitada da cidade!

Quantas vezes na paz da altura, em meio
da noite silenciosa e enluarada,
ella ha de ver pungirem-lhe no seio
as saudades de uma época passada!

Como ella evoca silenciosamente
manhans de outrora, ao ver ali chegar
a gente antiga que é já morta, a gente
que, ha muitos annos, ia ali rezar.

JOSÉ DE MESQUITA

Hoje é outra a gente e ha de chegar um dia
em que estes que vêm hoje não virão.
Como e cruel esta filosofia
de que tudo na vida é uma illusão!

Porem, si tudo passa nesta vida,
algo subsiste em nós constantemente
— a saudade que liga, dolorida,
o gozo antigo á magoa do presente.

Um dia ha de chegar em que a reveja,
mas, talvez, já não sinta o que sentia,
quando avistava a pequenina igreja
na doce hora christan da ave-maria.

Talvez ainda a mesma hei de encontral-a,
talvez na encosta veja ainda florir
as flores da quaresma e o viço e a gala
dos jasmims perfumosos a se abrir....

E, lá dentro, a doçura mysteriosa
da mesma luz coada no vitral....
Mas — ai de mim! que esta alma desditosa
Já não será a mesma, nem igual!

Enquanto chove

Eu e a Saudade, a sós.... O quarto, na penumbra,
é como um velho claustro, em que a tristeza é o monge.
através da vidraça, o meu olhar vislumbra
um pedaço de céu e aves revoando ao longe....

Tarde, viúva do sol e orphan do azul celeste,
bem razão tens de, assim, trazer esse ar de magoa,
é por elles, decerto, o lucto que te veste
e esse triste chorar de claras gottas d'água.

Rica do ouro que o sol, pródigo rei, derrama,
trajando um lindo azul vivíssimo de opala,
hontem te vi, formosa, e um diadema de flamma
te circundava como um resplendor de gala....

Hoje, mesta e tristonha, ahi vens toda embuçada
em névoas e com ar soturno e pesaroso....
Ai! quem hontem te viu de azul e ouro toucada,
tarde, viúva do sol e orphan do azul formoso.

A sós, no quarto, enquanto a tristeza diluída
da tarde se derrama em chuva e o céu se annoita,
e grita, no silencio, uma ave foragida
e o vento malfeitor as arvores açoita,

eu e a Saudade, assim juntos, relendo vamos
o palimpsesto em que o Passado morto dorme.
O vendaval arranca imprecações aos ramos.
E cai a chuva como um choro vasto, enorme.

Que mais forte será, o tempestuoso vento
esgalhando o arvoredado, epiléptico, insano,
ou a angústia cruel, a dor, o sentimento,
a saudade, o desejo e o desespero humano?

A Volta

Quando eu voltar.... Porquê é que estas palavras ditas
assim tão simplesmente hão de em mim despertar
um mundo de emoções e idéas infinitas?
Que quer dizer em si este “quando eu voltar....” ?

Não sei. Sei que ao dizer esta expressiva phrase
é como si eu ouvisse um cântico feliz
que me enchesse de ideaes o espírito em que quasi
não vive mais um só dos ideaes que fiz,

é como si, no oceano, eu visse, de repente,
uma ilha emergir entre os rubros coraes
ou qual si, no deserto, um doce oásis virente
surgisse na amplidão dos tristes areaes.

Quando eu voltar.... E fico, a sós, imaginando,
phantasiando comigo esse dia por vir,
esse dia, talvez bem longe e incerto, quando
verei de novo em mim a esperança florir.

Imagino e assim fico ao mundo externo abstracto,
a alma toda votada a essa imaginação.
A idéa tem também o seu gosto, o seu tacto....
Ha uma vista também no mundo da illusão.

Quando eu voltar, meu.Deus! que transfusão immensa
de amor a que a saudade atroz centuplicou,
como a flamma que, ao vento, irrompe mais intensa,
como o pranto do céu que a noite derramou.

A saudade idealiza as affeições que temos,
ella e o expoente do amor, ella o faz augmentar.
Quanta effusão de amor e carinhos extremos
a saudade me faz antever ao voltar!

Não é, porem, tão só das pessoas amadas
que formei este ideal que a minha mente tem:
tudo, céu, terra, sol, cousas inanimadas,
tudo vive e palpita em meu sonho também.

Quando eu voltar, decerto, a natureza amiga
ha de reconhecer-me e, em cada cousa ou ser
a que doce lembrança a minha vida liga,
a mesma voz e gesto hei de ouvir e hei de ver.

Uma volta de rio, um trecho de caminho,
uma pedra, um atalho, um valle, uma rechan,
em tudo eu hei de ver uma voz de carinho
quando eu voltar, talvez numa bella manhan.

Imagino a manhan da chegada.... Imagino-a
como, longe da pátria, a fantasia o exul,
com a doce orchestração festival e continua
das aves, a gorgear naquelle céu, azul.

POESIAS

Será, talvez, ao entrar das águas, muito cedo
quando ainda a madrugada a se espraiar no céu
faz scintillar, luzir nas frondes do arvoredo
os crystaes da manhan, quaes perolas num véu.

O ar dum cheiro terroso estará fresco e humido
como soe succeder apos o temporal
e do solo macio, avermelhado e tímido
emergira, viçoso e verde, o capinzal.

Hão de, reconhecendo a criança de outrora
que ellas viram partir por um dia de dor,
as arvores cantar pela ampla voz canora
das ramagens ao vento uma canção de amor.

Hei de também rever como a antigos amores
o terreiro, o quintal e o pequeno jardim
em que — ai! já não verei talvez uma das flores
que vi nascer, crescer, viçar perto de mim!

E sentirei, de novo, o bafejo dos campos
e, de novo, ouvirei a algazarra que faz,
enchendo do seu vôo os grandes céus escampos,
o bando dos anuns, sanhaços e sabiás.

E a frescura, o perfume, a harmonia, a doçura
dessa manhan serão o mágico elixir
que fará renascer na minha alma a ventura
e onde hoje medra a magoa a alegria florir.

JOSÉ DE MESQUITA

E em tudo eu hei de ouvir a mesma voz antiga,
riso ou pranto, alegria ou pena, gozo ou dor,
aquella doce voz que a natureza amiga
tem para quem a entende e sente o seu amor.

E como quem soffreu uma terrível doença
e precisa de sol, de ar puro e vida san,
como entrado em feliz, longa convalescença,
outro me sentirei nessa feliz manhan.

Céu azul! Lindo céu de minha linda terra!
Com que grande emoção te verei desdobrar
teu manto todo azul sobre o verdor da serra,
nesse dia feliz e alegre em que eu voltar!

Sonho de Pierrot

Triste, abatido, a face pallida e cansada,
dorme Pierrot. O dia é tosco. Uma subtil,
doce tristeza sensual anda por tudo
com suas mãos feitas de rosa e de velludo....
Dorme Pierrot exausto, pallido e febril.

Na solidão e no silencio eil-o que sonha.
Descerra o olhar.... Procura alguém perto de si.
E, no vazio do desejo insatisfeito,
cuida apertar um corpo amado contra o peito,
num grande sonho enganador que lhe sorri.

Tudo lhe afflue á sua nítida memória....
Parece-lhe inda, num delírio, ver.... ouvir....
É a suggestão de um por de sol no fim do outono....
dum fim de vida á hora final do ultimo somno
dum fim de amor á hora magoada de partir....

Passa aos seus olhos embaciados e nevoentos
todo o rumor vivo e febril do carnaval,
de gozo ardente, de vibrante desvario,
boccas lascivas, a sorrir, num desafio,
doce offegar de carne lânguida e sensual.

Guizos.... Canções.... Gritos vibrantes.... Tudo evoca
num grande sonho a alma sombria de Pierrot.
E, num esgar, em cambaleios, passa rindo
uma visão e vai fugindo.... vai fugindo....
essa visão doce e feliz que o desvairou....

A alma lhe vai num sonho vago, indefinido....
Procura em vão — lúbrico triste! inda abraçar
algo que foge.... sombra.... névoa... aria em surdina....
Pobre Pierrot! onde deixaste a Colombina
que inda hontem ia no teu braco a gargalhar?

Dorme Pierrot.... Como eu comprehendo a tua magoa!
Perto, um charuto esvai-se em fumo.. em cinza... em pó....
Cinzas... Tristeza... Solidão... Como eu te entendo,
pobre Pierrot. No teu soffrer o meu comprehendo,
— pois, como tu, também eu vivo triste e só....

ILLUMINURAS

O anel

(Paraphrase de Coppè)

Dizem que, um dia, alguém, de velha sepultura
devassando o segredo e a luz bemdita e pura
deixando nella entrar,
encontrou lá no fundo apenas um punhado
de pó, ligeiro pó, que, ao vento, alvoroçado,
viu desfazer-se e voar.

Cinzas... e nada mais. O tempo consumara
a obra da destruição e a terra — mãe avara —
pedira o que era seu.
A vermina roas em seu trabalho lento
nada deixara ali, sinão cinzas que o vento
passando revolveu.

Mesmo o rico ataúde heráldico e pomposo
e o vestuário nobre, esplendido e sumptuoso
se fizeram em pó,
Attentando, porém, viu, com horror e espanto,
entre a cinza, um anel, como que por encanto,
brilhando ao fundo, só...

POESIAS

Era o anel que o defunto ao dedo tinha quando
da casa toda em pranto o levaram chorando
e que, como metal,
resistira do tempo e da vermina á sanha
e, no reino da morte — anomalia estranha —
brilhava — áureo fanal....

Meu coração, assim como essa sepultura,
oculta dentro em si apenas cinza escura,
illusões, sonhos, pó....
Nelle, porem, tal como o anel, unicamente
ficou viva, a brilhar, esta saudade ardente,
esta saudade.... e só.

JOSÉ DE MESQUITA

Estações

Quando chega a estação clara e florida
e o pomar e o jardim são todo em flor
eu me lembro que, um dia, em minha vida
a primavera viu nascer o amor.

E si o verão anila o firmamento
e o sol dardeja raios de fulgor,
eu evoco esse estio violento
do desejo febril da meu amor.

Depois se o outono pallido e enfadonho
desfolha o arvoredo sem verdor
recordo-me que veio, após, tristonho,
o outono, a decadência desse amor.

Afinal, quando vem o inverno frio
com seu cortejo de tristeza e dor,
vejo que no meu peito ermo e sombrio
reina o inverno, a saudade desse amor!

Alchimista

O poeta é como o alchimista:
busca em tudo o ouro do ideal
e, nessa insana conquista,
o, poeta, sublime artista,
em o seu verso por gal.

Cuidosa e pacientemente
da forma fria procura
extrahir a idéa ardente
e, meticulosamente,
lima, bate, amolda, apura....

Si, ás vezes, o ouro radiante
esplende ante o seu olhar
de sonhador triumphante,
quantas vezes, arquejante,
vê baldado o seu lidar!

O poeta é como ,o alchimista
da legenda medieval...
E a tortura que o contrista
é, no seu sonho de artista,
nunca encontrar o ideal.

A visita do sol

Céu claro e azul, céu transparente,
gaze diaphana estendida
no alto, brilhando docemente
da luz ferida....

Passam pelo ar uns rumorejos
como de asinhas tatalando,
e, pelas arvores, aos beijos,
andam os pássaros noivando.

Duas a duas, sempre aos pares,
as borboletas multicores,
pelos jardins, pelos pomares
beijam as flores.

O orvalho brilha.... A luz scintilla....
O aroma exhala-se e embriaga,
No céu, a lúcida pupilla,
tímida, a estrella d'alva apaga.

Sobre o tapete esmeraldino
da relva se abrem lindas rosas....
Plange, no espaço, a voz dum sino
magoas saudosas....

E o sol — um claro sol de maio
de luz serena, pura e bella —
manda-me o seu cartão, num raio,
por entre as frestas da janella....

Miragem

Elle viera passar ali um dia,
um dia por acaso certamente....
Partiu sem um pesar, alegremente,
quando a noite nostálgica descia.

Mal se fallaram.... No entretanto, viva
lembrança ella guardava delle e, agora,
sem se explicar porquê toda se cora
si essa recordação alguém lhe aviva.

Fica-se ás vezes, uma hora inteira
na janella do oitão, triste e silente,
olhando a estrada larga, ao sol ardente,
fechada pela rústica porteira.

Fica a olhar e a scismar que elle, decerto,
nem pensa nella, pobre caipirinha,
pois, moço da cidade, elle já tinha
alguma outra mais bella lá por perto....

E os seus olhos procuram pela estrada
alguém que venha, alguém que se pareça
com elle e assim se fica até que desça
de todo a noite tépida e estrellada.

Eil-a a fitar a noite ampla e infinita....
Mas, de súbito, cheia de receio,
sente que lhe palpita o lindo seio
por sob a blusa azul que o vento agita.

Ella se vê já quasi moça e bella....
E vem lhe um vago, um tímido desejo:
estende os lábios procurando um beijo
e beija o vidro frio da janella....

Sente-se tão tristonha e abandonada,
naquelle instante de indizível magoa....
E lança os lindos olhos rasos d'água
pela deserta escuridão da estrada....

Elle não virá mais, diz-te a consciência
mas ficas a esperar — pobre criança!
O amor é essa miragem da esperança
no infinito deserto da existência....

Ritornello

Desperta a aurora. Dentro em breve
o sol radioso e fulgurante
rompendo a bruma fina e leve
ha de se erguer lá no levante.
Minha saudade, és como a neve....
Quando ha de vir o sol radiante?

Um sabiá pela floresta
vai a cantar alegremente....
Que luz lá fora! Quanta festa
na natureza sorridente!
De hontem apenas em mim resta
esta saudade impertinente.

No campo cheio de boninas
e de rumores de alegria
um gaio bando de meninas
anda a correr, em gritaria.
O orvalho espalha pedras finas
na gramma verde e luzidia....

Siltos errantes de azas de ouro
bailam por entre as lindas flores,
semeando o lúcido thesouro
do orvalho em gottas multicores....
Chora uma fonte.... E esse seu choro
vem me lembrar secretas dores.

Por sobre a velha e escura grade
do jardinzinho ha lírios brancos
e uma infinita variedade
de rosas rubras pelos flancos....
Um carro volta da cidade,
descendo a serra aos solavancos.

Não tarda muito que aqui perto
numa igrejinha o sino cante....
Num meio tom de luz incerto,
o sol assoma no levante.
Meu coração triste e deserto,
quando ha de vir o sol radiante?

Doce, como um olhar querido, a lua splende
e um mystico sussurro espalha-se em surdina....
Um anjo somnolento as estrellas accende
— lampadários gentis da morada divina.

Voltam com a noite a paz, a quietação, a calma,
como; apos a procella, uma clara bonança,
como succede á dor a alegria e, em noss'alma,
ao desconforto o amor, á inquietude a esperança.

Quando a arraiada vier e os grandes céus escampos
de sua luz de rosa innundar para o oriente,
e as aves, tatalando as azas pelos campos,
cortarem em revoada o céu amanhecete,

quando a manhan nascer e o tumultuar da vida
com ella retomar; eu ficarei, tristonho,
com saudade, talvez, da luz calma e sentida,
de uma estrella que vi a brilhar no meu sonho.

Eu amo a noite, assim plácida e bemfazeja....
Ella é asilo ao soffrer e conforto ao penar.
Em horas de tristeza e dor, quem não deseja
no silencio da noite a dor desabafar?

Sonho e realidade

Á vezes accordados de medonho
pesadelo, dizemos, na verdade:
«Felizmente o que é sonho é sempre sonho
e nada vale na realidade»

Mas, outras vezes, que um sonhar risonho
nos dá a illusão de uma felicidade,
deploramos que fosse apenas sonho
quando pudera ser realidade.

Ainda hoje accordei muito tristonho
e murmurei, numa fatal saudade:
«— antes a realidade fosse um sonho....
— antes o sonho fosse a realidade....»

Numa lousa

A flor abriu as pétalas mimosas
de manhan e de tarde estavam murchas.
O mesmo sol que a viu radiante e bella
viu-a desfallecer....

É como a flor esta que aqui repousa.
Como a flor entreabriu-se á luz da aurora
e os raios do sol poente inda vieram
osculal-a ao morrer.

Vós que passaes cantando jovialmente
a cavatina azul da mocidade
parai e lede: “A flor dura um só dia,
não vê morrer o sol....”

E deixai-a dormir, na doce sombra
dos cyprestres, da tarde á luz saudosa,
quando as cigarras vêm nas altas frondes
celebrar o arrebol....

Insomnia

Na solidão da noite calma,
á luz tristonha do luar,
não sei porque me punge n’alma
uma tristeza singular.

O espaço imita, amplo e silente,
enorme e escuro mausoléu
e a lua pallida e dormente
rola nostálgica no céu....

Ninguém me entende, acaso? É duro
viver sem ter a quem amar!
Onde encontrar a que eu procuro?
Hei de morrer sem a encontrar?

A lua rola no infinito
na sua lânguida nudez.
Lua, não ouves o meu grito
ou não o entenderás, talvez?

Lua dulcíssima e inconstante,
tudo ama ao lívido luar....
Só eu vou pela vida adiante
sem encontrar a que hei de amar.

POESIAS

A febre de um desejo imenso
infunde-me um mortal calor....
Já não resisto, não me venço.
Vem, si é que existes, meu amor!

Este meu quarto solitário
pede alguém para o povoar,
seja um fantasma funerário
feito de neve e de luar.

Lua, tão branca e descorada,
tu bem me queres parecer
alguém que vem de uma noitada
febril, ruidosa de prazer.

Por estas horas quanta gente
se ama ás caricias do luar!
É a ronda do desejo, a ardente
legião da carne a desvairar.

Quantos amores indiscretos,
ó lua, a tua luz gentil!
Voar de pollen... Chiar de insectos...
Doce chilrear de beijos mil...

Quantas volúpias e desejos,
lua, tu vens, ora, incitar!
De quanto drama e quantos beijos
tens sido cúmplice, luar?

JOSÉ DE MESQUITA

A febre me requeima as veias.
Sinto uma estranha lassidão...
Hora de fadas e sereias,
luar de peccado e tentação...

A insomnia negra me tortura,
talvez ella ande a me buscar.
Mas, quem? Não sei. Talvez procura
e ha de morrer sem me encontrar...

Vespertina

Tardinha... O travesso bando
das borboletas gentis
vai pelos campos voando
da tarde no áureo matiz.

Tardinha. A brisa fagueira
furta um beijo á linda flor
e a natureza inteira
é um poema vivo de amor.

Tardinha. O sol já se esconde
na serrania de alem
e as aves buscam a fronde
onde se escondem também.

Tardinha. O rio soluça
suave endeixa a correr.
Na haste o jasmim se debruça
Como para adormecer.

Tardinha. O céu calmo e lindo,
é como um setineo véu
e o lago, o céu reflectindo,
é um céu contendo outro céu.

Tardinha. Embaixo, na aldeia,
Já não tarda a escurecer,
e, lá em cima, a lua cheia
surge e começa a crescer.

Tardinha. As cores do poente
principiam a esmaiar.
Desce a noite lentamente...
Lentamente sobe o luar...

Palmeira Real

Só, no ermo, a fitar o firmamento mudo,
erecta e sobranceira, abrindo no ar, altiva,
as palmas verdes como um heráldico escudo,
ha uma palmeira pensativa.

Ou ruja a trovoada em bramidos de hyena
ou brilhe a primavera esplendida e festiva,
seja tarde de outono ou de verão, serena,
scisma a palmeira pensativa.

Ás vezes, o luar, pelas noites de outono,
banha-a de sua luz magoada e suggestiva
e, lânguida, a scismar, num torpor de abandono,
sonha a palmeira pensativa.

Outras vezes o sol, na sua gloria de ouro,
beija-a, morde-a, incendeia-a em sua chamma viva,
e ella impassível, fita o sol formoso e louro,
numa attitude pensativa....

Ah! talvez este anseio infindável cessasse,
si a doce Natureza, um dia, compassiva,
esta alma torturada e triste transformasse
numa palmeira pensativa!

Descendo o rio...

Correm as ondas... Seguimos.
Em cima, o céu azulado;
barrancas, de lado a lado.
e, ao longe, alterosos cimos...

Como fiquei isolado,
querida, sem os teus mimos!

Cresce, espuma, embaixo, o rio...
Desce a tarde. A calma desce...
A brisa mansa parece
um mystico murmúrio.

A minha saudade cresce
de hora em hora como o rio...

Uma arvore annosa e pensa
sobre a riba solitária
tem ar de tristeza immensa
da tarde á luz mortuária...
A minha alma pensa, pensa
como essa velha araucária...

Correm as ondas... Não tarda
a noite triste a baixar....
noite fria.... noite parda
de merencório luar...

Vem, como um Anjo da guarda,
meu somno, á noite, velar!

Solidão

Noite bella e enluarada.
Ha uns aromas de cecêm
no ar. Dorme a branca estrada.
Dum lado e doutro ninguém...

A alta esfera constellada
é como formoso harém
de estrellas... Boceja a estrada
sozinha á lua... Ninguém....

A lua grande e prateada
sobe e sobe mais alem....
Cantam... E, á cantiga, a estrada
parece dormir. Ninguém....

É uma saudosa ballada
que muito enlevo contem.
Tristonha e deserta, a estrada
dormita.... E, em torno, ninguém...

Que solidão! Isolada,
nem um transeunte vem
e, ao luar, a triste estrada
parece dizer: ninguém....

A noite, lenta e pausada,
faz sua rota.... porem
ninguém vem e dorme a estrada
toda a noite, sem ninguém....

Ao raiar da madrugada
ouvem-se passos.... Alguém?
É o vento, apenas, na estrada
erguendo as folhas.... Ninguém.

Alma que vives — coitada!
á procura de teu bem,
és tal e qual essa estrada
onde não passa ninguém.

FINIS

Eil-o. É o marco final: a derradeira meta
do sonho. Aqui termina o ideal mais arrojado.
A jornada da Vida é finda. Está completa
a peregrinação no mundo desgraçado....

Todo o esforço empregado em perseguir chimeras,
toda a ânsia em alcançar os gozos e o prazer,
de nada te valeu.... Hoje já nada esperas.
Nem ouro a cobiçar! Nem glorias a colher!

Na enseada da Paz aportas finalmente...
Quatro círios a arder.... Sete palmos de terra.
Eis tudo o que te resta! E para isto, vãmente,
teu coração pulsou nesta continua guerra!

O responso final rezado entre gemidos....
E o corpo a se esfazer, na vermina e no pó
do campo-santo, dorme a paz dos esquecidos,
ao sereno da noite e ao sol dos dias, só!

Pensa que a vida é van, todo o sonho fallece.
Vivemos a morrer, nestas continuas crises,
desde que no horizonte o áureo dia aurecece
até da tarde triste ás rubras hemoptises,

e, ás vezes, quem viveu como um martyr, soffrendo,
para a fome matar, para vestir os nus,
não encontra sequer quem lhe offerte, morrendo,
essa esmola christan dum círio e duma cruz....